



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS
BACHARELADO EM TRADUÇÃO

Pedro Ivo Barbosa de Caldas Barros

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES COLETIVAS E O SURGIMENTO DE
CONFLITOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CORPUS PARALELO
*ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA & BLINDNESS.***

João Pessoa, Paraíba

2018

Pedro Ivo Barbosa de Caldas Barros

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES COLETIVAS E O SURGIMENTO DE
CONFLITOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CORPUS PARALELO
*ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA & BLINDNESS.***

Trabalho de Conclusão apresentado, no período 2018.1, ao curso de Bacharelado em Tradução, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, na Universidade Federal da Paraíba, como requisito necessário à obtenção do Grau de Bacharel em Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Antonio de Sousa Alves

João Pessoa, Paraíba

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B277c Barros, Pedro Ivo Barbosa de Caldas.

A Construção de Identidades Coletivas e o Surgimento de Conflitos: Uma Análise a partir do Corpus Paralelo
Ensaio Sobre A Cegueira & Blindness. / Pedro Ivo
Barbosa de Caldas Barros. - João Pessoa, 2018.
78 f. : il.

Orientação: Daniel Antonio de Sousa Alves.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Estudos da Tradução. 2. Linguística de Corpus. 3.
Identidade. 4. Conflito. 5. Saramago. I. Alves, Daniel
Antonio de Sousa. II. Título.

UFPB/CCHLA

PEDRO IVO BARBOSA DE CALDAS BARROS

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES
COLETIVAS E O SURGIMENTO DE
CONFLITOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO
CORPUS PARALELO *ENSAIO SOBRE A
CEGUEIRA & BLINDNESS***

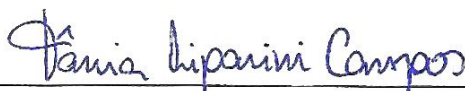
BANCA EXAMINADORA



Dr. DANIEL ANTONIO DE SOUSA ALVES



Dr. ROBERTO CARLOS DE ASSIS



Dra. TÂNIA LIPARINI CAMPOS

João Pessoa

2018

AGRADECIMENTOS

A todas e todos que estiveram comigo ao longo desta jornada.

“O medo cega.”

(Saramago)

RESUMO

O escopo deste trabalho de pesquisa é investigar a construção de identidades em um corpus paralelo bilíngue ficcional, composto pelos textos *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, e sua tradução para a língua inglesa, *Blindness*, de Giovanni Pontiero. A pesquisa é guiada por métodos provenientes da Linguística de Corpus, sendo feito o uso do software *AntConc*, um concordanciador utilizado como ferramenta complementar à análise tradutória. Em diálogo com o trabalho de Maia (1998), buscou-se fazer o levantamento dos pronomes ‘nós’, em português, e ‘we’, em inglês, explorando a relação estrutural entre as duas línguas onde são levados em consideração a posição pronominal e a frequência de uso elíptico ou elidido desses pronomes. Como forma de investigar a construção de identidades, a pesquisa é guiada pelo trabalho de Sen (2015), abordando os aspectos individuais de alguns dos personagens principais da história, traçando um paralelo com a consequente formação de grupos ao longo da narrativa. Partindo do processo de formação de grupos, são investigadas também as relações entre esses grupos distintos presentes no enredo, suas atribuições e o desencadear das situações de conflito. A análise dos conflitos presentes na narrativa é desenvolvida por meio das pesquisas de Birnbaum (1995), Brewer (2011) e Bar-Tal (2011), apresentando os fatores relacionados ao papel da identidade individual e coletiva na configuração dos grupos, os elementos motivadores dos conflitos, além de análise e classificação da natureza de cada um, que pode ser tido como ‘tratável’ e ‘intratável’. Os dados cotejados apresentaram uma predominância estrutural anteposta do pronome, ou seja, o pronome encontra-se antecedendo o verbo principal em 57,1% dos casos analisados em língua portuguesa, e em 99,6% dos casos analisados em língua inglesa. Além da posição pronominal, foi contabilizada a frequência de realização dos pronomes em ambas as línguas, onde o pronome ‘nós’, devido à desinência verbal que determina o sujeito, aparece de forma explícita em apenas 49 segmentos, enquanto o pronome ‘we’ explícito encontra-se presente em 748 segmentos da língua inglesa. Todos esses valores correspondem aos casos analisados que se encontram de acordo com as delimitações iniciais da pesquisa. A discussão acerca da construção de identidades individuais e coletivas apresenta os fatores que contribuem com o agrupamento dos personagens principais, dada a prévia familiarização dos mesmos em circunstâncias específicas e por terem sido admitidos na instituição manicomial em períodos de tempo aproximados. Dada a variedade da natureza dos conflitos presentes no corpus, pode-se classificar e identificar os elementos que os antecedem, como o uso de elementos linguísticos e a natureza dos processos interacionais entre os grupos envolvidos.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Linguística de Corpus. Identidade. Conflito. Saramago

ABSTRACT

The scope of this academic paper is to investigate the construction of identities in a parallel bilingual corpus, composed of the texts *Ensaio sobre a Cegueira*, by José Saramago, and its English translation, *Blindness*, by Giovanni Pontiero. The research is guided by corpus linguistics methods, and the software *AntConc*, a concordancer operating as a complementary tool for the translation analyses, is used. The segments containing the pronoun 'nós', in Portuguese, and 'we', in English, were collected aiming to explore the structural relations between both languages, based on the research of Maia (1998), as well as to observe the position of the pronoun and the frequency of use of their elliptical or elided forms. As a way to investigate the construction of identities, the research is guided by the works of Sen (2015), by addressing the individual aspects of some of the characters, linking them to the consequent formation of groups along the narrative. Based on the processes regarding group formation, the relationships between these different groups were also investigated, along with their role, and the start of conflicts. The analyses of the conflicts are developed based on the works of Birnbaum (1995), Brewer (2011) and Bartal (2011), presenting the factors related to the role of the individual identity and collective identity in the group structure, the elements triggering the conflicts, as well as the analyses and categorization of their nature, classified as 'tractable' and 'intractable'. The data presented a structural predominance of the pronoun placed before the verb in 57.1% of the cases in Portuguese, and 99.6% of the cases in English. In addition to the pronoun position, the frequency of their occurrence in both languages was also noticed. The Portuguese pronoun 'nós', due to the verbal ending that determines the subject of a sentence, appears in its explicit form in 49 segments of the text, whilst the pronoun 'we' appears in 748 segments of the English text. All numbers correspond to the cases in accordance with the initial research delimitations. The discussion regarding the construction of individual and collective identity presents the circumstances that contribute to the grouping of the main characters, given their prior familiarity with one another, and for being admitted in the institution in approximate periods of time. Due to the variety of conflicts present in the corpus, it was possible to categorize and identify the elements that precede them, such as the use of linguistic elements and the nature of the interactional processes between the groups involved.

Keywords: Translation Studies. Corpus Linguistics. Identity. Conflict. Saramago

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| FIGURA 1 - FERRAMENTA CONCORDANCE DO ANTCONC..... | 29 |
| FIGURA 2 - PROPORÇÃO DA CARACTERIZAÇÃO DOS DADOS EXPLÍCITOS..... | 42 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| QUADRO 1 - TRADUÇÕES DO ROMANCE "ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA" PARA OUTROS IDIOMAS | 20 |
|---|----|

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| TABELA 1 - TOTAL DE DADOS ANALISADOS EM PORTUGUÊS | 36 |
| TABELA 2 - CASOS DOS PRONOMES 'NÓS' E 'WE' EXPLÍCITOS | 37 |
| TABELA 3 - POSIÇÃO PRONOMINAL..... | 41 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 12 |
| 1.1 CONHECENDO JOSÉ SARAMAGO | 14 |
| 1.2 O ESTILO DE SARAMAGO | 17 |
| 1.3 <i>ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA</i> | 19 |
| 2. OBJETIVOS | 23 |
| 2.1 OBJETIVOS GERAIS | 23 |
| 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 23 |
| 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 24 |
| 4. MÉTODO | 27 |
| 4.1 O CORPUS PARALELO <i>ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA & BLINDNESS</i> | 27 |
| 4.2 O <i>ANTCONC</i> E O MÉTODO DE TRABALHO | 28 |
| 5. ANÁLISE PRONOMINAL “NÓS” E “WE” | 35 |
| 5.1 CASOS NÃO-CONSIDERADOS E PROBLEMÁTICOS | 38 |
| 5.2 CASOS CONSIDERADOS | 40 |
| 5.3 O PRONOME ‘NÓS’ E A IDENTIDADE COLETIVA | 41 |
| 5.3.1 <i>Pronomes Não-Characterísticos</i> | 42 |
| 5.3.2 <i>Pronomes Característicos</i> | 44 |
| 6. CONCEITOS DE IDENTIDADE | 48 |
| 6.1 A IDENTIDADE INDIVIDUAL | 49 |
| 6.2 A IDENTIDADE COLETIVA | 57 |
| 7. CONFLITOS | 62 |
| 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 71 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 74 |
| ANEXO I | 77 |

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho — um desdobramento do projeto de Iniciação Científica “Conflito e Tradução: Construção de Identidades e de Conflitos em Corpora Ficcionalis”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) — desenvolve-se a partir do corpus paralelo ficcional composto pelos textos *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, originalmente escrito em português europeu, e *Blindness*, de Giovanni Pontiero, sua respectiva tradução para o inglês britânico. Buscando contribuir para a interface entre os Estudos da Tradução e a Linguística de Corpus, o trabalho busca investigar, sob uma perspectiva léxico-gramatical, a utilização dos pronomes pessoais ‘nós’, em língua portuguesa, e ‘we’, em língua inglesa, levando em consideração as observações de Maia (1998). Além da análise da posição pronominal, também são investigadas, em diálogo com os trabalhos de Birnbaum (1995), Bar-Tal (2001), Brewer (2011) e Sen (2015), as construções de identidades coletivas e de situações de conflito.

Ensaio sobre a cegueira e *Blindness* narram a história de um grupo de personagens, interligados de forma específica, que busca sobreviver em uma instituição manicomial, durante um surto de cegueira, também chamado, durante a narrativa, de mal branco. Os personagens sem nomes específicos, identificados apenas por características particulares das suas vidas, são confinados em uma das edificações do governo, como medida de quarentena, após serem apontados como os primeiros casos do mal branco. Assim, passam a lidar com problemas como a insuficiência de recursos básicos, tais como comida e água, além de enfrentar a gradativa lotação do lugar e a conseqüente piora das condições, descrita ao longo da narrativa. A história tem como foco, além da vida de sete personagens

principais, a relação entre as camaratas, ou seja, entre os grupos humanos formados em cada um dos alojamentos da instituição. A busca pelo controle dos mantimentos que chegam ao local se torna um dos motivos de desentendimento entre os grupos, e a relação entre eles torna-se conflituosa, culminando em atos sucessivos de violência.

Como forma de analisar e, conseqüentemente, detalhar a relação entre o uso dos pronomes pessoais em Português e em Inglês, pode-se, a partir dos dados, iniciar uma discussão do emprego dos mesmos pronomes em relação tradutória, ou seja, durante construção de estruturas que busquem o mesmo sentido. Para a análise dos pronomes ‘nós’ e ‘we’, é buscado um diálogo com a pesquisa de Maia (1998), onde são avaliadas as posições pronominais diante do verbo principal, além de sua realização ou não realização, classificados, aqui, como pronome explícito ou elidido.

A análise do pronome ‘nós’ também dá margem para avaliar a formação de grupos ao longo do corpus *Ensaio sobre a Cegueira & Blindness*, investigando o papel da identidade nas construções coletivas. Sen (2016) defende que cada traço de personalidade, garante ao indivíduo a participação em diversos grupos diferentes, argumentando a favor da pluralidade de características identitárias presentes em cada pessoa. Essas características são tidas como fatores que tornam viável a criação de grupos (BREWER, 2011), assim como o surgimento de conflitos (BIRNBAUM, 1995).

O estudo dos conflitos da narrativa parte da perspectiva de Bar-Tal (2011) que aborda dois tipos de conflitos: tratáveis e intratáveis. Partindo desses dois tipos, são

introduzidos os elementos antecessores de ambos e os elementos que os caracterizam quando se tornam uma realidade.

1.1 Conhecendo José Saramago

Em 16 de novembro de 1922, na aldeia de Azinhaga, província de Ribatejo, nascia José de Sousa Saramago. Nascido na zona rural de Portugal, Saramago tinha pais e avós camponeses e migrou com a família para a capital, Lisboa, quando tinha apenas dois anos de idade, onde viveu grande parte de sua vida, embora sempre viajara a Azinhaga para passar férias. Filho de pais analfabetos, por questões financeiras, cursou até o segundo grau da escola secundária, partindo, em seguida, para uma ‘escola industrial’, onde se formou em um curso de serralheria. Seu primeiro trabalho foi aos 17 anos como serralheiro, passando por diversos outros como: desenhista industrial, servidor administrativo em um hospital, editor, tradutor e jornalista, até se tornar diretor de um jornal, no começo da década de 1970.

A carreira de escritor de Saramago começou cedo, mas ascendeu tarde. Lançou sua primeira obra *Terra do Pecado* — originalmente chamada *A viúva* — em 1947, aos 25 anos. Após escrever *Terra do Pecado*, Saramago passou anos sem nenhuma produção própria até 1953, quando finalizou uma nova obra que só veio a ser lançada em 2011, chamada *Claraboia*. Em 1966, Saramago voltou a escrever e, dessa vez, compôs um livro de poemas, chamado *Os Poemas Possíveis*. Seguiu até os anos 80, publicando diversas obras como dois livros de poesias (*Provavelmente Alegria* e *O ano de 1993*), duas coletâneas de crônicas (*Deste Mundo e do Outro* e *A Bagagem do Viajante*), duas

coletâneas de crônicas políticas (*As Opiniões Que o DL Teve e Os Apontamentos*), um romance (*Manual de Pintura e Caligrafia*), uma peça (*A Noite*) e um livro de contos (*Objecto Quase*). Nove obras no total, ou como o mesmo afirma, “nada de extraordinário”¹. Em entrevista a Giovanni Pontiero, tradutor de muitas de suas obras para a língua inglesa, Saramago afirma que sua paixão pela escrita existe desde a infância:

Eu tinha dezoito anos quando, durante uma dessas conversas entre adolescentes, que são um dos maiores prazeres da vida, contei aos meus amigos que estavam comigo, que gostaria de me tornar escritor. Naquela época, tudo que havia escrito eram poemas sentimentais e dramáticos, típicos dos poemas escritos por adolescentes daquela época. Provavelmente a coisa mais importante para o meu futuro como escritor, foi o meu amor precoce à leitura. (PONTIERO, 1990, tradução nossa)²

Após perder o emprego de diretor-adjunto do jornal, em 1975, em decorrência da Revolução dos Cravos, o autor resolveu dedicar-se completamente à escrita. Entre os anos de 1976 e 1979, Saramago passou a depender da sua, já existente, carreira de tradutor. Como tradutor, chegou a traduzir mais de 60 obras para a língua portuguesa. Sua primeira tradução para o português é datada de 1955 e contemplou a obra *A centelha da vida*, do autor alemão Erich-Maria Remarque. Fluente em francês, Saramago traduziu muitas obras a partir de versões já existentes em língua francesa, como é o caso da primeira versão em português europeu da obra *Anna Karenina*, do autor russo Liev Tolstói e da trilogia *08-15*, do autor polonês Hans Hellmut Kirst. Entre outros autores traduzidos por Saramago, pode-se encontrar: Christine Garnier, Collette, Nazim Hikmet, Guy de Maupassant, Henri

¹ LEMUS, S. Una entrevista con José Saramago. 1998. Disponível em: <<https://www.nexos.com.mx/?p=8751>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

² “I was eighteen years of age when, during one of those conversations between adolescents which are one of life's greatest pleasures, I told the friends I was with that I should like to become a writer. By that time all I had written were sentimental and dramatic poems typical of the poetry young people wrote at that time. Probably the most important thing for my future as a writer was my love of reading from an early age.” (PONTIERO, 1990)

Focillon, Etienne Balibar, Yves Gibeau, Jules Moch, Pär Lagerkvist, Liam O'Flaherty e Juan Bautista Piñero.

Somente no começo da década de 1980, com o lançamento das obras *Levantado do Chão*, em 1980, e *Memorial do Convento*, em 1982, Saramago conseguiu se beneficiar do seu trabalho como autor, passando a viver inteiramente do que escrevia. Com temas que englobam desde elementos da sua própria vida pessoal, até política e religião, os romances de Saramago começaram a tomar cada vez mais espaço no mercado. Na obra *Levantado do Chão*, o autor explora a vida de três gerações de uma mesma família de camponeses alentejanos, durante o período de reforma agrária em Portugal, por volta de 1970.

Em 1984, confrontado com a ideia de que o personagem Ricardo Reis, heterônimo criado pelo autor português Fernando Pessoa, não existira além da narrativa, Saramago escreveu o seu terceiro romance, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, dando continuidade à vida do personagem, relatando sua volta a Lisboa, no ano de 1936, após uma longa estadia no Rio de Janeiro, e o descobrimento de uma Europa em realidade de guerra.

Saramago, que se afirmava ateu, e se posicionava contra a mentalidade do cristianismo — embora assumisse ter ideias cristãs, fruto da sua criação portuguesa — lançou, em 1991, o que veio a ser a sua obra mais controversa, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Para escrever a narrativa, o autor buscou desconstruir passagens do Novo Testamento, ainda que em concordância com o original, apresentando Jesus com características humanas e uma concepção de Deus contrária aos princípios defendidos pelas instituições religiosas. Diante do evidente descontentamento da Igreja Católica com o

enredo, no ano seguinte, 1992, o romance foi excluído da lista de indicados ao ‘Prêmio Europeu de Literatura’ a pedido do, então, Subsecretário de Estado da Cultura de Portugal. Como forma de protesto, Saramago mudou-se em exílio simbólico para a ilha Lanzarote, parte do território espanhol. Em 1998, Saramago recebeu o prêmio Nobel de Literatura, sendo, até então, o único autor de língua portuguesa a conseguir tal feito.

Como visto nesta seção, além de desempenhar um papel importante como tradutor durante sua vida, foi somente por meio de suas obras literárias que Saramago ficou mundialmente conhecido. A seguir, será discutida uma característica que torna as obras do autor tão evidentes: seu estilo literário.

1.2 O estilo de Saramago

Na seção anterior, pôde-se conhecer um pouco da carreira do autor e determinar fatores de sua vida que vieram a ter grande influência em suas obras. Nesta seção, serão apresentados elementos que, além das narrativas, tornam o seu trabalho tão singular.

No ano de 1980, com a obra *Levantado do Chão*, Saramago apresentou oficialmente o estilo de escrita saramaguiano. Embasado por uma perspectiva barroca, onde se pode ter elementos como: o jogo do claro-escuro, da luz e sombra, o retorcido da sintaxe, o rebuscamento das metáforas, a euforia dos sentidos, a recusa do vocabulário ‘fácil’, a tensão entre a fé a razão, misticismo, erotismo, estética dos conflitos, dos paradoxos e dos contrastes (MOISÉS, 2004), Saramago traz não só elementos literários barrocos como também passa a adotar, como parte de sua própria estilística, o uso diferenciado de pontuação. Tal uso de pontuação abarca a falta de travessão para marcar as

falas dos personagens, a limitação no uso de pontos finais, exclamações, interrogações, entre outros sinais de pontuação. O autor faz uso de iniciais maiúsculas para determinar o começo de falas e para dar ritmo aos fluxos de consciência dos personagens, garantindo assim a organização do texto.

Sempre que questionado sobre a razão dessas escolhas, Saramago defendia a ideia de que, dada a expressividade e a dinamicidade da fala, seus textos eram escritos para serem ouvidos, dando mais ênfase às marcas de oralidade do narrador. Como o mesmo afirma:

Narrador oral não usa pontuação, ele fala como se estivesse compondo música e usa dos mesmos elementos que um músico: sons, pausas, grave e agudo, alguns [elementos] curtos, outros longos. Tais tendências, que eu reconheço e apoio (estruturas barrocas, oratória circular, padrões simétricos), acredito resultarem de uma certa ideia de um discurso oral aceito como música. (PONTIERO, 1990, tradução nossa)³

Além da pontuação diferenciada nos seus textos, Saramago também assume uma postura diferenciada com relação à adaptação das estruturas de seus livros em países lusófonos. A publicação das obras de Saramago no Brasil, por exemplo, segue o mesmo padrão de escrita das versões publicadas em Portugal. Em entrevista ao programa *Roda Viva*, em 2003, Saramago defende a sua escolha:

Fui o primeiro escritor português a dizer ao meu editor brasileiro: "ou publica aquilo que eu escrevo, ou não publica" [...] Não me importa. Eu tenho direito a integridade do meu texto [...] evidentemente que se o livro é traduzido para outro idioma, tenho que me sujeitar àquilo que é natural, evidentemente alguma coisa se perde, alguma coisa se ganhará, não sei,

³ “Now, the oral narrator doesn't use punctuation, he speaks as if he were composing music and uses the same elements as the musician: sounds and pauses, high or low, some short, others long. Those tendencies which I acknowledge and endorse (baroque structures, circular oratory, symmetrical patterns), I suppose stem from a certain idea of an oral discourse accepted as music.(PONTIERO, 1990)

não vamos discutir isso. Agora em um país que fala a minha língua, que escreve a minha língua, que pensa com as palavras da minha língua, não aceito. Não me revejam o livro, não façam outro livro, não ponha o presente depois do verbo, ou o verbo depois do presente. ‘Mas porque você não deixa?’, a minha resposta é muito simples, porque eu quero ler os escritores brasileiros como escrevem, e não admito que os atualizem, ou que os reformem, ou que os renovem, ou que façam o que quiserem. Se fazem, escrevem outro livro. (SARAMAGO, 2003)

A escolha de não adaptar a linguagem dos livros em países lusófonos, proporcionou não só o contato de outros falantes de língua portuguesa com as marcas estilísticas do autor, mas também proporcionou o mesmo contato aos falantes de outras línguas, por meio das traduções de suas obras, que seguem o mesmo padrão.

A seguir, serão apresentadas as informações a respeito da obra *Ensaio sobre a cegueira*, objeto de pesquisa deste trabalho.

1.3 Ensaio sobre a cegueira

Lançado em 25 de outubro de 1995, em Portugal, *Ensaio sobre a cegueira*, o décimo romance de José Saramago, retrata a realidade de sete personagens, interligados por circunstâncias específicas, que buscam sobreviver em meio a um surto de cegueira. No enredo, o governo, buscando isolar os primeiros casos do mal branco, como fica conhecido o surto, decide tomar medidas preventivas e os sete personagens acabam juntos em uma instituição manicomial. A partir daí, são retratados os cotidianos dos internos, ilustrando a complexidade de cada indivíduo, seus relacionamentos interpessoais e os conflitos internos e externos aos quais eles(as) passam a encarar.

Durante a criação do enredo, Saramago passou a ponderar diversas abordagens para a narrativa, porém todas retratariam a dificuldade de viver em um “mundo de intolerância,

de exploração, de crueldade, de indiferença, de cinismo” (ABRAMO, 1995), sem um dos sentidos principais: a visão. Saramago buscava narrar uma história em que a falta dos sentidos destruiria “todos os valores de consenso social, todas as regras, todas as normas” (SARAMAGO, 2015, p. 7) e levantaria questões acerca da existência, da razão e da função das pessoas na sociedade. Embora, no romance, o mal branco seja tratado como uma condição física, Saramago afirmava se tratar de uma metáfora para a deficiência racional no mundo moderno.

Além das características estilísticas do autor, também pode-se encontrar em *Ensaio sobre a cegueira* a introdução de personagens de uma forma não convencional, onde todos são apresentados por meio de descrições que possam vincular e ilustrar o papel deles enquanto atuantes em certos grupos específicos, sem a necessidade do uso de nomes próprios. Como exemplo, é possível encontrar: ‘o primeiro cego’, ‘o médico’, ‘a mulher do médico’, entre diversos outros, sejam eles personagens primários ou secundários.

Ensaio sobre a cegueira foi publicado em 50 países, em mais de 40 línguas, sendo sua mais recente tradução publicada em Montenegro no ano de 2017. No Quadro 1, abaixo, é possível encontrar uma lista com os países de publicação, as línguas, o título, o tradutor, a editora e o ano de publicação.

Quadro 1 - Traduções do romance "Ensaio sobre a cegueira" para outros idiomas.

| País | Idioma | Título | Tradutor | Editora | Ano |
|-------------------|---------------|-------------------------|-----------------|----------------|------------|
| Albânia | Albanês | Verbëri | Nasi Lera | Botime Dudaj | 2002 |
| Alemanha | Alemão | Die Stadt der Blinden | Ray-Güde Mertin | Rowohlt | 1997 |
| Argentina | Espanhol | Ensayo Sobre la Ceguera | Basilio Losada | Seix Barral | 1996 |
| Áustria | Alemão | Die Stadt der Blinden | Ray-Güde Mertin | Donauland | 1999 |
| Azerbaijão | Azeri | Korluq | Nadir Qocabəyli | Qanun | 2016 |

| | | | | | |
|-------------------------|--------------|---------------------------|------------------------|-----------------------------|------|
| Bangladesh | Bengali | অন্ধত্ব | Saokot Hossain | Sandesh | 2006 |
| Brasil | Português | Ensaio sobre a Cegueira | - | Companhia das Letras | 1995 |
| Bulgária | Búlgaro | Слепота | Вера Киркова-Жекова | Colibri | 2011 |
| Chile | Espanhol | Ensayo sobre la Ceguera | Basilio Losada | Punto de lectura | 2010 |
| China | Mandarim | 失明症漫记 | 范维信 | Hainan Publishing | 2002 |
| Colômbia | Espanhol | Ensayo sobre la Ceguera | Basilio Losada | Alfaguara | 2010 |
| Coreia do Sul | Coreano | 눈먼 자들의 도시 | 정영목 | Hainaim | 1998 |
| Croácia | Croata | Ogled o sljepoći | Nina Lanovic | SysPrint | 1999 |
| Cuba | Espanhol | Ensayo sobre la Ceguera | Basilio Losada | Editorial Arte e Literatura | 2003 |
| Dinamarca | Dinamarquês | En fortælling om blindhed | Peer Sibast | Samleren | 1995 |
| Eslováquia | Eslovaco | Mesto slepých | Miroslava Petrovská | Slovarť | 1998 |
| Eslovênia | Esloveno | Esej o Slepoti | Barbara Juršič | Založba | 1998 |
| Espanha | Espanhol | Ensayo sobre la Ceguera | Basilio Losada | Seix Barral | 1999 |
| Espanha | Catalão | Assaig sobre la ceguesa | Núria Prats | Edicions 62 | 2002 |
| Estônia | Estoniano | Pimedus | M. Vega Salamanca | Eesti Raamat | 2007 |
| Estados Unidos | Inglês | Blindness | Giovanni Pontiero | Harcourt | 1998 |
| Finlândia | Finlandês | Kertomus sokeudesta | Erkki Kirjalainen | Tammi | 1997 |
| França | Francês | L'Aveuglement | Geneviève Leibrich | Seuil | 1997 |
| Grécia | Grego | Περὶ τυφλότητος | Athina Psillia | Kastaniotis | 1998 |
| Holanda | Holandês | De stad der blinden | Harrie Lemmens | Meulenhoff | 1998 |
| Hungria | Húngaro | Vakság | Pál Ferenc | Európa | 1998 |
| Índia | Malaio | അന്ധത | Vaikom Murali | D. C. Books | 2000 |
| Índia | Marata | अंधत्वेस | Bhaskar Bholay | Saket Prakashan | 2009 |
| Indonésia | Indonésio | Blindness | Arif B. Prasetyo | Ufuk Press | 2007 |
| Irã | Persa | کورى | Minoo Moshiri | Alam Publishing | 2000 |
| Iraque | Curdo | كوبرى | Selaheddin Aştî | Mukryanî | 2001 |
| Islândia | Islandês | Blinda | Sigrún Eiríksdóttir | Vaka-Helgafell | 2000 |
| Israel | Hebraico | העיוורון על | Miriam Tivon | Hakibbutz | 2000 |
| Itália | Italiano | Cecità | Rita Desti | Einaudi | 1996 |
| Japão | Japonês | 白の闇 | Yasushi Amezawa | NHK | 2001 |
| Lituânia | Lituano | Aklumas | Leonas Judelevičius | Alma Littera | 2007 |
| México | Espanhol | Ensayo sobre la Ceguera | Basilio Losada | Alfaguara | 2001 |
| Montenegro | Montenegrino | Sljepilo | Dejan Stankovic | Nova Knjiga | 2017 |
| Noruega | Norueguês | En Beretning om blindhet | Christian Rugstad | Cappelens | 1996 |
| Peru | Espanhol | Ensayo sobre la Ceguera | Basilio Losada | Editorial Sol 90 | 2003 |
| Polônia | Polonês | Miasto ślepców | Zofia Stanisławska | Muza | 1997 |
| Reino Unido | Inglês | Blindness | Giovanni Pontiero | Harvill | 1997 |
| República Tcheca | Tcheco | Slepota | Lada Weissová | Plus | 2010 |
| Romênia | Romeno | Eseu despre orbire | Mioara Caragea | Polirom | 2005 |
| Rússia | Russo | Слепота | Александр Богдановский | Eksmo | 2007 |
| Sérvia | Sérvio | Slepilo | Dejan Tiago Stankovic | IPS Media | 2009 |
| Suécia | Sueco | Blindheten | Hans Berggren | Wahlström & Widstrand | 2006 |
| Taiwan | Mandarim | 盲目 | 彭玲嫻 | Reading Times | 2002 |

| | | | | | |
|----------------|------------|---------|---------------|---------------|------|
| Turquia | Turco | Körlük | Aykut Derman | Can Yayınları | 1997 |
| Ucrânia | Ucraniano | Сліпота | Віктор Шовкун | Folio | 2013 |
| Vietnã | Vietnamita | Mù lòa | Phạm Văn | Bachvietbooks | 2007 |

Fonte: Fundação José Saramago (2014)⁴.

Como visto neste capítulo, Saramago começou cedo a sua carreira de autor, porém, foi somente na década de 1980 que conseguiu viver inteiramente do seu trabalho como autor. Dono de um estilo de escrita próprio, fez uso de marcas da oralidade para quebrar padrões da língua portuguesa em suas muitas obras. No capítulo a seguir, serão apresentados os objetivos gerais e específicos deste trabalho.

⁴ Ensaio sobre a cegueira (1995). Disponível em: < <https://www.josesaramago.org/ensaio-sobre-a-cegueira/>>. Acesso em: 28 agost. 2018

2. OBJETIVOS

Os objetivos aqui presentes serão mostrados buscando identificar as premissas de análise da pesquisa e são organizados de acordo com a sua sequência de aplicação. Primeiramente, são apresentados os objetivos de ordem geral, seguidos pelos específicos.

2.1 Objetivos Gerais

Como objetivo geral, esta pesquisa busca contribuir para o campo disciplinar dos Estudos da Tradução, em sua interface com a Linguística de Corpus, ao evidenciar padrões linguísticos do corpus bilíngue paralelo, composto pelos textos *Ensaio sobre a Cegueira*, em língua portuguesa, e *Blindness*, em língua inglesa, por meio da utilização de um concordanciador como ferramenta de análise tradutória e contextual. Além da análise léxico-gramatical, o trabalho busca investigar o papel da identidade dos personagens na criação de grupos específicos e a atuação desses grupos nos conflitos presentes no contexto da narrativa, evidenciando, também, as suas classificações.

2.2 Objetivos Específicos

Como objetivos específicos, este trabalho buscou, na seguinte ordem:

- Investigar os usos dos pronomes pessoais ‘nós’ e ‘we’ no corpus utilizado;
- Comparar os usos dos pronomes investigados com as observações de Maia (1998) sobre usos pronominais em português e inglês;
- Investigar a construção de identidades coletivas presentes no corpus, sinalizadas a partir dos pronomes ‘nós’ e ‘we’;
- Analisar o papel das identidades coletivas na formação dos conflitos e vice-versa.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho busca analisar, sob uma perspectiva léxico-gramatical e social, a utilização dos pronomes pessoais ‘nós’ e ‘we’ em língua portuguesa e em língua inglesa, respectivamente, além da forma como a identidade é utilizada para formar os grupos presentes no corpus *Ensaio sobre a cegueira & Blindness*. Também são investigados os relacionamentos entre esses grupos e os processos que servem como indicadores para o desencadear das situações conflituosas presentes na narrativa.

Buscando investigar a utilização dos pronomes pessoais no corpus, este trabalho conflui com a pesquisa de Maia (1998), que investiga o uso de pronomes pessoais em primeira pessoa em textos escritos originalmente em português e em suas respectivas traduções para o inglês. A partir de um estudo de corpora, Maia (1998) afirma que no inglês “o uso do pronome é tão obrigatório como qualquer outro sujeito com uma estrutura verbal” (1998, p. 4, tradução nossa). Já em português, devido às desinências verbais, há uma maior predominância com relação à elisão de tais pronomes pessoais. Nesta pesquisa, a análise pronominal abrange os pronomes na primeira pessoa do plural do português, ‘nós’, e do inglês, ‘we’, e busca avaliar a frequência de uso dos pronomes, em sua forma explícita ou em casos de elisão.

A análise pronominal também dá margem para compreender os processos de formação de grupos, dada a pluralidade de identidades, tanto singulares⁵ quanto coletivas

⁵ Os termos ‘singulares’ e ‘individuais’ serão utilizados de forma intercambiável, ao longo deste trabalho.

presentes na narrativa. Para entender a complexidade e classificar as identidades dos personagens, é utilizada a obra de Sen (2015), que analisa as múltiplas identidades atribuídas a um mesmo indivíduo, por meio dos contextos políticos e sociais em que esteja inserido. A influência de seus pensamentos e ações em decorrência desses contextos, funciona como um fator de formação das identidades singulares e contribui para a construção de identidades coletivas — formadas por indivíduos que dispõem de uma identidade, ou característica, em comum. O papel da identidade também passa a ser importante para investigar as construções de diferentes tipos de conflitos encontrados na sociedade contemporânea.

O papel da identidade na construção de conflitos é investigado em consonância com o trabalho de Brewer (2011), observando as definições de identidade, o processo de origem de grupos específicos, os elementos formadores de conflitos e a atuação desses grupos durante os conflitos. Para Brewer (2011), o processo de formação de um grupo se dá por meio do reconhecimento de si mesmo em outros. Esse auto reconhecimento pode ser encontrado em grupos menores como família e amigos, e até em grupos maiores como gênero e raça. Quando os direitos ou ideais desses grupos passam a ser negados ou desrespeitados, surgem, assim, elementos que tendem para a formação de um possível conflito.

Para esta pesquisa, é dada uma maior relevância aos atos linguísticos que, para Baker (2006) e Butt, Lukin e Matthiessen (2004), também são tidos como elementos iniciais em situações de conflitos.

Ao investigar os processos de formação de conflitos, é buscado o diálogo com as propostas de Birnbaum (1995), que os aborda sob um viés sociológico e afirma serem observáveis nas diversas esferas e agrupamentos sociais — grupos menores e grupos maiores, como também defendido por Brewer (2011) —, e são essenciais para a formação e a manutenção de grupos sociais.

Buscando uma classificação com relação à natureza dos conflitos presentes na narrativa, tem-se, como ponto de partida, o trabalho de Bar-Tal (2011), que classifica os conflitos em dois tipos: Tratáveis — de menor escala e que duram um curto período de tempo — e intratáveis — de grande escala e criados em decorrência de atos sucessivos de violência e hostilidade. A análise busca não só apresentar os atos sucessivos que eclodem em conflitos, mas também apresentar a forma que os personagens pensam e agem nessas situações, ou seja, até que ponto o grupo aceita se submeter a tais situações.

No capítulo a seguir, serão detalhados os processos metodológicos adotados para execução deste trabalho.

4. MÉTODO

Esta seção será dividida em duas subseções, nas quais, primeiramente, será apresentado o objeto de pesquisa, suas respectivas características e sua importância para o desenvolvimento deste trabalho. Em seguida, na segunda subseção, serão detalhadas as ferramentas de auxílio à análise dos dados, além de estabelecer as delimitações necessárias da pesquisa e o seu método, abarcando tanto sua perspectiva teórica quanto prática.

4.1 O corpus paralelo *Ensaio Sobre a Cegueira & Blindness*

Como mencionado na introdução deste trabalho, a pesquisa desenvolve-se a partir do corpus paralelo composto pelos textos *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, e *Blindness*, de Giovanni Pontiero. Os romances *Ensaio sobre a cegueira*, originalmente publicado em português europeu, e sua tradução para o inglês, *Blindness*, contam a história de um surto de cegueira, conhecida como mal branco, em que, para evitar sua proliferação, os(as) personagens principais são levados(as), por determinação das autoridades apresentadas na narrativa, para as antigas instalações de um manicômio, onde múltiplas situações de conflito, entre os(as) internos das diferentes alas, se desenvolvem.

O corpus utilizado na pesquisa foi selecionado por permitir a discussão de conflitos de diferentes naturezas, descritos ao longo da narrativa. A pesquisa procura explorar a construção de identidades, assim como, prioritariamente, o seu papel nos conflitos intratáveis; esses que, na narrativa, são motivados pela escassez de recursos e tomam grandes proporções, expondo os limites aos quais o grupo dominado se submete e os processos de confronto construídos a partir da intratabilidade.

Os textos que compõem o corpus foram preparados para análise, seguindo os procedimentos delineados por Alves e Morinaka (2014), que afirmam haver três etapas para a manipulação dos corpora, “preparação do corpus, processamento do corpus e análise do corpus”. Como etapa de preparação, o corpus utilizado obedeceu a regras de compactação, como o uso de arquivo de texto (.txt) com codificação ANSI, simplificando e possibilitando o processamento do arquivo em diversos tipos de concordanciadores.

O corpus foi processado utilizando o software *AntConc 3.4.4w*, que é uma multiplataforma gratuita que possibilita a análise de corpora em diversas línguas. Para fazer o levantamento dos dados desta pesquisa, foram usadas ferramentas oferecidas pelo software, como a *Word List* e a *Concordance*, que permitem, respectivamente, a análise da frequência das palavras e o levantamento sistemático de ocorrências.

Na subseção, a seguir, será detalhado o passo a passo dos processos práticos de análise do corpus, as delimitações da pesquisa e as ferramentas utilizadas para coletar, filtrar e classificar os dados.

4.2 O *AntConc* e o método de trabalho

Como visto, foram apresentados os dados do corpus *Ensaio sobre a cegueira & Blindness*, objeto desta pesquisa, além de uma breve introdução ao concordanciador *AntConc*. Nesta seção, serão detalhados os passos seguintes, apresentando as delimitações e detalhando as etapas da pesquisa.

Na primeira etapa de análise do corpus, ao utilizar o *AntConc*, foram levantadas as ocorrências dos casos explícitos e elípticos dos pronomes pessoais ‘nós’, no texto em português, e ‘we’, no texto em inglês. A Figura 1, a seguir, exemplifica o resultado do levantamento dos dados em português, com o nódulo ‘nós’.

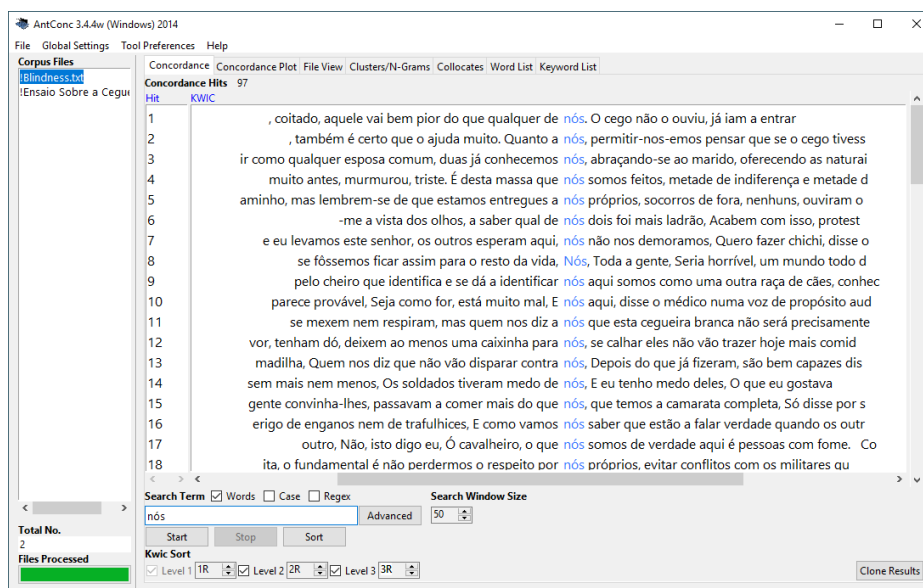


Figura 1 - Ferramenta Concordance do AntConc.

Após a etapa de levantamento dos dados, por meio do software *AntConc*, os dados foram dispostos em uma planilha do *Microsoft Office Excel*, acompanhando as indicações de Alves e Assis (2016) para a realização da filtragem e a classificação dos dados, a fim de confirmar se todas as linhas de concordância estavam diretamente ligadas ao objeto de pesquisa e de excluir eventuais linhas que não estivessem.

Com o intuito de analisar e classificar todos os casos dispostos na planilha, a pesquisa buscou um diálogo com o trabalho de Maia (1998), buscando, em um primeiro momento:

[1] Classificar e calcular a quantidade e a proporção de uso explícito e de uso elíptico do pronome ‘nós’ e do pronome ‘we’, no respectivo corpus;

[2] Analisar a posição (anteposto ou posposto ao verbo principal), a função (sujeito, objeto etc.) e a classe gramatical⁶ (pronome, substantivo, etc.);

[3] Identificar e classificar os modos verbais utilizados com os pronomes, nas linhas de concorrências levantadas.

Os critérios de delimitação dos casos analisados obedecem a etapas que incluem tanto a análise dos pronomes ‘nós’ e ‘we’ quanto dos verbos principais da oração. Para serem classificados como casos considerados, os pronomes precisam apresentar a função de sujeito da oração, e os verbos precisam estar conjugados no modo indicativo — por ser um modo em que “a ação expressa pelo verbo é exercida de maneira real, categórica, definida, quer o juízo seja afirmativo, quer negativo, quer interrogativo” (ALMEIDA, 2009, p. 232). Embora as conjugações verbais da primeira pessoa do plural — pronome ‘nós’ — do modo indicativo e do modo imperativo sejam, em grande parte, idênticas, o reconhecimento do segundo é feito através de usos que expressem “ordem, proibição, conselho e pedido” (CEGALLA, 2008, p. 195). A utilização do modo subjuntivo como elemento de análise foi descartada, devido à natureza de seu sentido, denotando o que

⁶ Durante a etapa de classificação dos dados, além de encontrar o vocábulo ‘nós’ atuando como pronome, pode-se encontrar ocorrências do substantivo ‘nós’ (plural de ‘nó’), sendo necessária uma nova categoria de filtragem dos dados, adicional à classificação do modo verbal.

passa a ser compreendido como “duvidoso ou indeterminado” (ALMEIDA, 2009, p. 226).

Exemplo dos casos excluídos em língua portuguesa são:

Exemplo 1: Disse, descansemos então, **durmamos** um pouco, logo mais tarde iremos ver o que nos espera. (Grifo nosso)

Exemplo 2: E se **fôssemos** ficar assim para o resto da vida, Nós, Toda a gente, Seria horrível, um mundo todo de cegos, Não quero nem imaginar. (Grifo nosso)

No Exemplo 1, pode-se observar o verbo não acompanhado de pronome explícito, sendo conjugado na primeira pessoa do plural do imperativo, de forma afirmativa, apresentando uma ideia de conselho. Já no Exemplo 2, o verbo é conjugado na primeira pessoa do plural do modo subjuntivo, com desinência do pretérito imperfeito, atribuindo a ideia de possibilidade. No caso dos dados em língua inglesa, foram feitas as mesmas restrições que em língua portuguesa, utilizando somente os pronomes em modo indicativo. Abaixo, é apresentado um exemplo dos dados excluídos em inglês:

Exemplo 3: And suppose **we were** to stay like this for the rest of our lives, Us, Everyone, That would be horrible, a world full of blind people, It doesn't bear thinking about. (Grifo nosso)

No Exemplo 3, o verbo principal, antecedido pelo pronome ‘we’, aparece em sua forma subjuntiva⁷ — que é, também, a sua mesma forma no modo indicativo. Devido à sua natureza representando ideias indeterminadas ou imaginárias (ALMEIDA, 2009; SWAN, 2005), foi classificado como um dos casos a serem descartados.

⁷ Swan (2015, p. 559) afirma que o modo subjuntivo em língua inglesa, embora mais comumente expressado, no inglês moderno, por meio de verbos modais como *should* e *would*, ainda aparece marcado nos verbos em terceira pessoa do singular — omitindo a flexão de gênero ‘-(e)s’ — e por meio das formas especiais do verbo ‘to be’, encontrada no exemplo.

Concluída a etapa inicial — de análise dos usos dos pronomes —, a investigação passou a se concentrar nas construções de identidades coletivas, representadas pelos usos dos pronomes ‘nós’ e ‘we’. O primeiro passo empreendido nesta etapa foi a análise dêitica dos pronomes — a ser discutida na seção 5.3 deste trabalho — e a identificação dos grupos aos quais eles se referem. Nessa etapa, os pronomes foram separados em duas categorias: de um lado, foram marcadas as ocorrências em que os pronomes indicam claramente a construção de um grupo ou subgrupo específico na narrativa (a essa categoria, foi atribuído o rótulo ‘Característicos’), de outro lado, as ocorrências em que os pronomes admitem diversas interpretações, podendo indicar a construção de diversos grupos (a essa categoria, foi atribuído o rótulo ‘Não-Characterísticos’). A seguir, alguns exemplos para esclarecer essa divisão.

Exemplo 4: E o pior é que têm armas, **Nós** também as podíamos arranjar, disse o ajudante de farmácia. (Grifo nosso)

Exemplo 5: Sim senhor, diga-me então como seria hoje se todos os que se encontram agora cegos tivessem perdido, digo materialmente perdido, ambos os olhos, de que lhes serviria andarem agora com dois olhos de vidro, De facto, não serviria de nada, Acabando **nós** todos cegos, como parece ir suceder. (Grifo nosso)

O Exemplo 4, acima, mostra um caso em que o pronome ‘nós’ constrói a ideia de um coletivo, representando o grupo ‘Primeira camarata do lado direito’ — dada à identificação do personagem dentro de um dos grupos da narrativa — recebendo, para esta investigação, o rótulo ‘Característico’. No Exemplo 5, o pronome ‘nós’ representa uma ideia de coletivo amplo, onde não há especificação de um grupo determinado, havendo diversas interpretações com relação à sua representação, sendo classificado, assim, como ‘Não Característico’.

O passo seguinte consistiu na análise dos processos realizados pelos grupos e da prosódia semântica (positiva, negativa ou neutra) que pode ser atribuída a cada um deles. O exemplo, a seguir, ilustra essa etapa.

Exemplo 6: Portanto você poderá ficar com a sua para seu exclusivo gasto, que **nós** os alimentaremos. (Grifo nosso)

Acima, no Exemplo 6, pode-se encontrar o grupo ‘Mulheres da Primeira Camarata do lado direito’ realizando um processo, representado pelo verbo ‘alimentar’, em que a sua prosódia semântica apresenta carga negativa. O processo é determinado como negativo por se tratar da resposta da personagem à decisão egoísta de um outro personagem, reafirmando a indignação diante da responsabilidade de alimentar determinados membros do grupo, até mesmo em situações que eles venham a adotar uma atitude contrária à do grupo geral, durante a tomada de decisões. No contexto desta pesquisa, a carga semântica é apresentada de forma subjetiva⁸, tanto na classificação das linhas de concordância quanto no contexto da narrativa.

A partir das classificações dos pronomes, a investigação busca entender as construções das identidades coletivas, levando em consideração as identidades singulares que compõem tais coletivos. A ideia de identidade singular é apresentada seguindo os conceitos de Sen (2015), abordando, em seguida, a visão de Brewer (2011) acerca das

⁸ Silva, Vasconcelos e Fernandes (2009), baseando-se no trabalho de Louw (1993), afirmam que a Prosódia Semântica remete à consistência de sentido de um termo, quando em justaposição a colocações ou itens lexicais específicos. Tais discussões sobre prosódia semântica são, necessariamente, subjetivas e dependentes das interpretações do analista. De modo a justificar as classificações, aqui, adotadas, sempre que possível, as classificações serão explicadas e contextualizadas em relação à narrativa.

identidades coletivas, e a forma como essas construções identitárias podem ser percebidas a partir das construções linguísticas.

No capítulo a seguir, serão apresentados os casos dos pronomes ‘nós’ e ‘we’ levantados a partir do software *AntConc*, além de seus respectivos resultados.

5. ANÁLISE PRONOMINAL “NÓS” E “WE”

Na seção anterior, foram especificados os métodos usados para o levantamento dos dados desta pesquisa, primeiramente, fazendo o levantamento dos dados com o *AntConc* e, em seguida, agrupando os dados em uma planilha, seguindo as indicações de Alves e Assis (2016). Após essa primeira etapa, foram contabilizadas as frequências de uso dos pronomes ‘nós’ e ‘we’, levando em consideração sua posição com relação ao verbo principal, classificados como anteposto ou posposto, e seu uso explícito ou elidido, seguindo, assim, as indicações do trabalho de Maia (1998), como apresentado abaixo.

Durante a etapa de levantamento dos dados do corpus, a busca pelos pronomes foi feita de duas formas. A primeira buscou fazer o levantamento por meio das desinências verbais do verbo principal, o que possibilita, durante o processo de identificação, classificar todos os casos em que o pronome esteja elidido ou explícito. A segunda, que foi adotada durante o levantamento dos dados em língua inglesa, buscou o pronome em sua forma explícita, visto a falta de flexão em número e pessoa para os verbos na primeira pessoa do plural do inglês.

Para calcular a quantidade de casos elididos, foram analisadas dez desinências verbais referentes à primeira pessoa do plural, considerando os modos indicativo, subjuntivo e imperativo. A Tabela 1, abaixo, detalha o total de dados analisados em português, o total dos casos em que se configurava a presença de verbos e o total de verbos que se encaixam nas delimitações, especificadas na seção de método, 4.2, deste trabalho.

| Desinência | Total Analisado | Total de Verbos | Total Utilizado |
|-------------------|------------------------|------------------------|------------------------|
| -amos | 307 | 305 | 245 |
| -ámos | 21 | 21 | 21 |
| -emos | 337 | 336 | 284 |
| -êmos | 2 | 2 | 0 |
| -imos | 44 | 13 | 13 |
| -omos | 41 | 41 | 41 |
| -armos | 28 | 28 | 0 |
| -ermos | 43 | 36 | 0 |
| -irmos | 11 | 11 | 0 |
| -ormos | 6 | 4 | 0 |
| Total | 840 | 797 | 604 |

Tabela 1 - Total de Dados Analisados em Português

Dentre o total de 840 casos analisados em língua portuguesa, foi possível constatar que a palavra “nós” aparece 97 vezes ao longo do corpus analisado. Desses 97 casos, 48 não foram levados em consideração por não se encaixarem nas delimitações propostas para esta pesquisa, assumindo, assim, diversas funções oracionais. Os 48 casos não considerados em língua portuguesa apresentam características que não se encaixam na delimitação de verbo no modo indicativo, assim como os 37 casos encontrados em língua inglesa. Embora tenham sido levantados 840 casos a partir das desinências verbais com o intuito de evidenciar a proporção de casos elididos, buscou-se manter o paralelismo entre a análise em língua portuguesa e em língua inglesa, sendo utilizados apenas os casos em que o pronome aparece explícito na oração. Na tabela, a seguir, pode-se observar a proporção dos casos analisados.

| <i>Pronome Explícito</i> | Pronome ‘Nós’ | Pronome ‘We’ |
|--------------------------|----------------------|---------------------|
| <i>Não-considerados</i> | 48 | 37 |
| <i>Considerados</i> | 49 | 748 |
| <i>Total</i> | 97 | 785 |

Tabela 2 - Tabela de Casos dos Pronomes ‘Nós’ e ‘We’ Explícitos

Como casos delimitados, tanto em língua portuguesa quanto em língua inglesa, que servem como base para esta pesquisa, foram encontradas 49 ocorrências, onde o pronome é apresentado de forma explícita, atuando na função de sujeito oracional e pode, também, ser visto como característico para grupos específicos. Dos 48 casos não considerados, quatro correspondem à frequência do uso de ‘nós’ como substantivo — como mostrado na seção 5.1 — e os 44 outros casos correspondem à atuação do pronome como objeto indireto. No caso da língua inglesa, foram contabilizados 748 casos que se encaixam nas delimitações da pesquisa e 37 casos em que o pronome aparece seguido por um verbo em modo diferente do indicativo, não se encaixando nas delimitações.

Como visto, existe uma predominância de casos do pronome ‘nós’ atuando de forma elidida no corpus, com 505 casos no total. O pronome ‘we’, por outro lado, aparece com maior frequência em sua forma explícita, em 748 casos. Em ambas as situações, tanto o pronome ‘nós’ quanto o pronome ‘we’ têm uma predominância anteposta, ou seja, aparecem antecedendo o verbo principal da oração.

Nas subseções a seguir, os dados analisados serão explicitados, tendo como base a pesquisa de Maia (1998). Primeiramente, serão analisados os casos marcados como ‘Não-considerados e Problemáticos’.

5.1 Casos Não-Considerados e Problemáticos

Buscando identificar os casos que não foram considerados e os casos problemáticos, esta seção será dividida por especificidades.

Entre as diversas características apresentadas pelo pronome “nós” ao longo do corpus, foi possível encontrar situações em que o pronome não apresentava a função de sujeito oracional, aqui, necessária. Abaixo, pode-se observar o pronome “nós” empregado como pronome oblíquo tônico em 33 casos.

Exemplo 7: Quanto a **nós**, permitir-nos-emos pensar. (Grifo nosso)

Exemplo 8: O fundamental é não perdermos o respeito por **nós** mesmos. (Grifo nosso)

Exemplo 9: Temos de nos acautelar, pensou, amanhã o tipo pode estar ao pé de **nós** sem que dêmos por ele. (Grifo nosso)

Nos três exemplos acima, é possível encontrar os pronomes “nós” sendo precedidos por preposição. Além de pronome oblíquo tônico, o vocábulo também assumiu a função de substantivo em quatro casos.

Exemplo 10: Depois tentou contá-los, os **nós**, os dias, mas desistiu. (Grifo nosso)

Exemplo 11: Havia **nós** sobrepostos, cegos, por assim dizer. (Grifo nosso)

Exemplo 12: A mulher do médico bateu com os **nós** dos dedos na porta mais próxima. (Grifo nosso)

Acima, é possível encontrar três casos da palavra ‘nós’ atuando como substantivo. Os Exemplos 10 e 11 apresentam o plural do substantivo ‘nó’, palavras com sentido de amarração ou enlaçamento, enquanto, no Exemplo 12, o substantivo faz referência a uma articulação do corpo. Dessa forma, não se encaixam na delimitação inicial, que seria de pronome como sujeito oracional. Além das funções mencionadas acima, a palavra “nós” aparece apenas uma vez como complemento para um adjunto adverbial de modo, o que foge dos parâmetros iniciais.

Exemplo 13: Então o fio que nos une a essa humanidade partir-se-á, será como se estivéssemos a afastar-nos uns dos outros no espaço, para sempre, e tão cegos eles como **nós**. (Grifo nosso)

Durante a análise, também foi possível encontrar dez casos em que sua classificação é tida como problemática, podendo ser compreendida de diferentes formas.

Exemplo 14: Estamos todos em risco de morrer à fome, vocês e **nós**. (Grifo nosso)

No Exemplo 14, é possível encontrar um caso em que o uso do pronome é feito sem o acompanhamento explícito de um verbo. Embora possa ser possível inferir, subjetivamente, um uso verbal, essa complementação aumentaria o nível de subjetividade das análises. Por essa razão — para tentar empreender uma análise tão objetiva quanto possível —, todos os casos em que o verbo se encontra elidido foram desconsiderados.

A seguir, no Exemplo 15, é possível encontrar outro caso de verbo elidido. Dessa vez, a oração principal só tem núcleo, que, no caso, é o próprio pronome, sem companhia do verbo principal. Além disso, é possível evidenciar a escrita característica do autor [Saramago], onde a função interrogativa do pronome só pode ser percebida na oração

seguinte e os diálogos não são marcados por quebras de parágrafos, mas colocados sequencialmente.

Exemplo 15: Era como deveríamos estar, todas mortas, **Nós**, perguntou a empregada do consultório. (Grifo nosso)

Abaixo, nos Exemplos 16 e 17, pode-se encontrar casos de sujeito oracional que foge à proposta inicial de análise, onde o verbo precisaria também estar no modo indicativo. Nesses casos específicos, o pronome é explícito, funcionando como sujeito oracional, porém, o verbo é conjugado no modo subjuntivo.

Exemplo 16: Se alguns de **nós tivermos** de dormir no chão. (Grifo nosso)

Exemplo 17: That if, before every action, **we were** to begin by weighing up the consequences. (Grifo nosso)

Nos exemplos citados acima, foi possível explicitar os casos que fogem às delimitações da pesquisa, além de apresentar casos problemáticos que poderiam ser passíveis a diversas interpretações. Na seção a seguir, serão mostrados os casos que serviram de base para esta pesquisa.

5.2 Casos Considerados

Como explicitado no método de trabalho, subseção 4.2, visando uma análise mais detalhada dos dados, foi feita uma delimitação com relação à atuação dos pronomes a serem investigados. Essa delimitação diz respeito à atuação do pronome como sujeito oracional e é relacionada ao verbo principal que acompanha o pronome, sendo necessária a conjugação do mesmo no modo indicativo. Além dessas especificações, foi levada em consideração a posição do pronome com relação ao verbo, em casos onde o verbo é

explícito. Na Tabela 3, abaixo, é possível constatar que a quantidade de casos antepostos, ou seja, antecedendo o verbo principal, é predominante tanto nos dados em língua portuguesa quanto nos dados em língua inglesa do corpus utilizado.

| <i>Posição Pronominal</i> | Pronome ‘Nós’ | | Pronome ‘We’ | |
|-------------------------------|----------------------|--------|---------------------|--------|
| | <i>Antepostos</i> | 28 | 57,1% | 745 |
| <i>Pospostos</i> | 21 | 42,9% | 3 | 0,4% |
| <i>Total</i> | 49 | 100,0% | 748 | 100,0% |

Tabela 3 - Tabela de Posição Pronominal

Na subsecção a seguir, serão apresentadas as classificações dos pronomes que passam a servir de referencial, ou não, para um determinado grupo. Esses pronomes, quando colocados em contextos de identificação de um coletivo, podem apresentar características determinantes ou generalizadoras.

5.3 O Pronome ‘Nós’ e a Identidade Coletiva

Partindo desses mesmos dados apresentados em língua portuguesa, foi possível perceber uma certa ligação dos pronomes com a criação de grupos específicos na narrativa. Visando aprofundar mais essa característica proporcionada pelo pronome, foi necessário identificar e especificar grupos e subgrupos — ou seja, grupos dentro de um grupo principal — para que os dados se mostrassem concretos.

Como mostrado na tabela abaixo, durante a análise dos 49 casos considerados na pesquisa, foram constatados 37 casos em que o pronome é apresentado de forma explícita e

faz menção a um certo grupo específico, correspondendo a 76% dos casos. Os 12 casos restantes, 24%, por mais que fizessem referência a grupos mais generalizadores, não puderam ser classificados por darem margem a múltiplas interpretações.

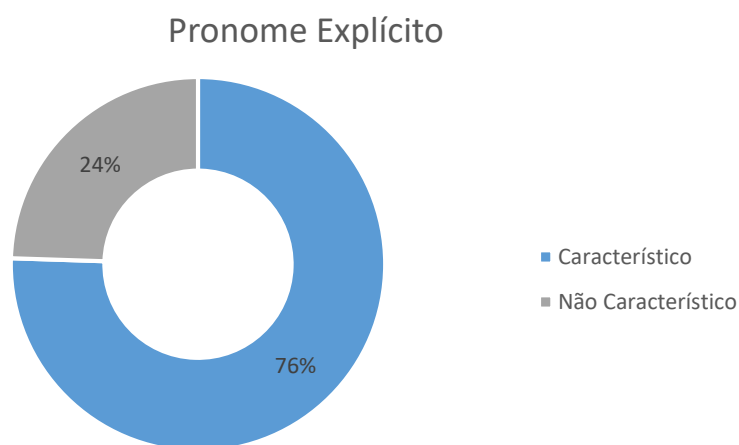


Figura 2 - Proporção da caracterização dos Dados Explícitos.

Dada a menor frequência de casos, a seguir, serão apresentados os dados que compõe a classificação de pronomes que não caracterizam um grupo em particular.

5.3.1 Pronomes Não-Characterísticos

Os pronomes classificados como 'Não-Characterísticos' (rótulo explicado na seção 4.2 deste trabalho), embora assumam a função de identificação de grupos, são mais abrangentes quando comparados aos grupos classificados como específicos, ou seja, apresentam características mais generalizadoras. Abaixo, será possível observar algumas dessas situações.

Exemplo 18: Depois, como se acabasse de descobrir algo que estivesse obrigado a saber desde muito antes, murmurou, triste. É desta massa que **nós** somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade. (Grifo nosso)

No Exemplo 18, o pronome, que pode também ser tido como exemplo para os pronomes antepostos, faz referência a um grupo mais amplo como ‘Seres humanos’, ‘Internos’, ‘Pessoas da mesma cidade’, ou seja, apresentando um maior grau de subjetividade e assumindo múltiplas interpretações.

Exemplo 19: Tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos, nem nos lembrámos sequer de dizer-nos como nos chamamos, e para quê, para que iriam servir-nos os nomes nenhum cão reconhece outro cão ou se lhe dá a conhecer, pelos nomes que lhes foram postos, é pelo cheiro que identifica e se dá a identificar **nós** aqui somos como uma outra raça de cães. (Grifo nosso)

No Exemplo 19, há uma maior clareza com relação à identificação do grupo, visto que o uso do advérbio ‘aqui’ assume um caráter limitante, mas não impede múltiplas interpretações, que podem variar de grupos como ‘Internos’ a um grupo mais específico como ‘Mulheres’ — partindo da premissa que o exemplo é uma fala da personagem denominada ‘mulher do médico’.

Exemplo 20: Se os cartuchos vierem a acabar, será porque alguém os disparou, e **nós** já temos mortos de sobra. (Grifo nosso)

No Exemplo 20, o pronome representa um grupo que também pode ser interpretado como generalizador, ou seja, caracterizando um grupo maior como ‘Seres humanos’, ‘Internos’ etc. Além dessa característica, o pronome também pode ser interpretado como representando um grupo mais restrito, composto por dois personagens em particular, o falante e o ouvinte.

Como visto, o pronome ‘nós’, embora represente um grupo determinado, pode, muitas vezes, fazer referência a um grupo não identificável, rotulado, nesta seção, como ‘Não-Characterístico’. A seguir, serão ilustrados os casos em que o pronome caracteriza, de forma contextual, um grupo específico.

5.3.2 Pronomes Característicos

Os pronomes Característicos (rótulo explicado na seção 4.2 deste trabalho) têm, como sua principal função, indicar grupos ou subgrupos específicos. Esses grupos ou subgrupos específicos podem ser demarcados com clareza e não dispõem de muitas interpretações, como os casos Não-Characterísticos citados na seção anterior. Nos exemplos a seguir, será possível observar como os pronomes se apresentam, além de mostrar os grupos aos quais eles se referem.

Exemplo 21: Compreende-se, portanto, que a pobre senhora, perante a irrefragável evidência, acabasse por reagir como qualquer esposa comum, duas já conhecemos **nós**, abraçando-se ao marido, oferecendo as naturais mostras de aflição. (Grifo nosso)

No Exemplo 21, o pronome acaba por criar um grupo que inclui o narrador e o leitor. Ao explicar a situação da esposa do médico mencionada na passagem, o autor parte do princípio de que o leitor já tenha em mente, assim como ele, que esta é a segunda esposa citada no livro, sendo a primeira, a esposa do primeiro cego. Abaixo, é possível analisar outro caso em que o mesmo grupo ‘Autor e leitor’ é criado.

Exemplo 22: De pé, sem se mexer, viu como ele levantava as cobertas e depois se deitava ao lado dela, como a rapariga despertou e o recebeu sem protesto, como as duas bocas se buscaram e encontraram, e depois o que tinha de suceder sucedeu, o prazer de um, o prazer do outro, o prazer de ambos, os murmúrios abafados, ela disse, Ó senhor doutor, e estas palavras podiam ter sido ridículas e não o foram,

ele disse, Desculpa, não sei o que me deu, de facto tínhamos razão, como poderíamos **nós**, que apenas vemos, saber o que nem ele sabe. (Grifo nosso)

Ao descrever, no Exemplo 22, uma cena em que o personagem denominado ‘médico’ se envolve de forma íntima com a personagem ‘rapariga dos óculos escuros’, o autor procura inserir a sua opinião na narrativa. Após a fala do personagem, é criado na narrativa o mesmo grupo ‘Autor e leitor’. Dessa vez, o autor, ao se referir à bagunça mental do personagem, reforçando a ideia de que se nem mesmo o personagem, inserido na história, saberia o que estava fazendo, determina que o grupo ‘Autor e o leitor’, fazendo uso apenas das imagens mentais e não inserido diretamente na narrativa, entenderia muito menos do contexto.

Dentro da narrativa, também podem ser encontrados grupos específicos de personagens que se relacionam com outros grupos específicos.

Exemplo 23: O que devíamos fazer era levar a comida toda para o refeitório, cada camarata eleger três para fazer a divisão, com seis pessoas a contar não haveria perigo de enganos nem de tralhões, E como vamos **nós** saber que estão a falar verdade quando os outros disserem na nossa camarata somos tantos. (Grifo nosso)

No Exemplo 23, é mostrada a recorrência do pronome que remete a grupos diferentes, podendo, também, ser considerados como subgrupos. Buscando contextualizar o exemplo, há, na narrativa, uma discussão entre o grupo geral ‘Internos’, em que os cegos passam a questionar a proporcionalidade na divisão de comida com relação ao número de camaratas. Dentro do grupo ‘Internos’, é possível classificar subgrupos baseando-se na camarata cujos personagens pertencem. No exemplo acima, o pronome apresentado, faz referência ao subgrupo ‘Internos da segunda camarata do lado direito’, que busca questionar os outros subgrupos.

No exemplo abaixo, pode-se observar outra situação em que a característica referencial do pronome faz menção a um grupo específico.

Exemplo 24: Não soubemos resistir como deveríamos quando eles apareceram com as primeiras exigências, Pois não, tivemos **nós** medo, e o medo nem sempre é bom conselheiro, e agora vamo-nos, será conveniente, para maior segurança, que barriemos a porta das camaratas pondo camas sobre camas, como eles fazem, se alguns de nós tivermos de dormir no chão. (Grifo nosso)

Neste Exemplo 24, o pronome remete ao subgrupo ‘Internos da primeira camarata do lado direito’ que, de acordo com o contexto narrativo, entra em conflito com um outro subgrupo da história, chamado ‘Internos da terceira camarata do lado direito’.

Além do pronome fazer referência a esses grupos mais abrangentes, também assume papel importante ao demarcar subgrupos cada vez mais específicos. Abaixo, será possível analisar algumas dessas situações.

Exemplo 25: Então a rapariga dos óculos escuros disse, Os outros não sabem quantas mulheres há aqui, portanto você poderá ficar com a sua para seu exclusivo gasto, que **nós** os alimentaremos, a si e a ela, sempre quero ver como se irá sentir de dignidade depois, como lhe vai saber o pão que **nós** lhe trouxemos. (Grifo nosso)

A característica referencial do pronome também aparece ao mencionar subgrupos dentro de grupos específicos. No Exemplo 25, duas recorrências do uso do pronome como específico ao subgrupo ‘Mulheres’, pertencente ao grupo ‘Internos da primeira camarata do lado direito’. Outro caso que remete à criação de grupos cada vez mais específicos pode ser visto no exemplo abaixo.

Exemplo 26: Vou com vocês, disse a rapariga dos óculos escuros, só te peço que ao me nos uma vez por semana me acompanhes até aqui, para o caso de os meus pais terem voltado, Deixas as chaves com a vizinha de baixo, Não tenho outro remédio, ela não pode levar mais do que já levou, Destruirá, Depois de eu ter estado aqui, talvez não, **Nós** também vamos com vocês, disse o primeiro cego, só

gostaríamos, o mais cedo que seja possível, de passar pela nossa casa, para saber o que aconteceu. (Grifo nosso)

No Exemplo 26, é possível perceber a presença do pronome que faz referência ao grupo composto pelo primeiro cego e a sua esposa. Embora a esposa do primeiro cego não seja explicitamente mencionada, o personagem inclui os dois ao usar o pronome ‘nós’, criando, assim, um subgrupo específico dentro de um grupo mais geral, que pode ser denominado de ‘Outros personagens’.

No capítulo a seguir, serão apresentados os conceitos de identidade individual e coletiva de acordo com os estudos de Sen (2016), além de uma análise aprofundada dos personagens e dos grupos presentes na narrativa.

6. CONCEITOS DE IDENTIDADE

No capítulo anterior, foram apresentados os dados do corpus analisados seguindo as delimitações da pesquisa e demonstrando o funcionamento do pronome ‘nós’. Neste capítulo, será possível correlacionar o uso desse pronome com as construções de identidades em situações de conflitos, seguindo as abordagens de Sen (2015) e Birnbaum (1995), para então investigar a natureza dos conflitos e suas extensões, em toda a narrativa, seguindo os critérios de Brewer (2011) e Bar-Tal (2011).

Ao analisar o conceito de identidade sob um viés semântico, o vocábulo pode apontar tanto para características de igualdade quanto para características de singularidade. O dicionário de língua portuguesa Aurélio, por exemplo, apresenta definições mais sucintas, mostrando que o termo ‘identidade’ denota “qualidade de idêntico” (FERREIRA, 2010, p. 406), além de referir-se aos “caracteres próprios e exclusivos duma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc.” (2010, p. 406). Por outro lado, o dicionário *online* de língua inglesa Cambridge⁹ apresenta definições mais abrangentes que correlacionam o significado de *identity* [identidade] a palavras de diferentes classes gramaticais, sejam adjetivos como ‘diferente’ e ‘particular’, substantivos concretos como ‘pessoa’ e ‘grupo’ ou substantivos abstratos como ‘qualidade’, ‘reputação’, ‘característica’ — que também passam a ser aceitos como sinônimos. Após a análise de classe de substantivos concretos, é possível definir que ‘identidade’ tem um caráter classificatório com relação a esses

⁹ Definition of “identity” - English Dictionary. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/identity>>. Acesso em: 4 de janeiro de 2018.

respectivos substantivos apresentados, independente da flexão de número e gênero deles — caráter marcado também no dicionário de língua portuguesa. Embora soe paradoxal, esse contraste entre o singular e o comum pode ser visto como típico do conceito, dada as múltiplas interpretações atribuídas a uma mesma ideia de identidade, a serem discutidas neste capítulo.

Este trabalho tem como foco a análise da construção de identidades. Dessa forma, são consideradas tanto identidades singulares quanto coletivas, e são analisadas tanto as características semânticas — possibilidades classificatórias que surgem a partir da identidade — quanto características gramaticais — flexões de número e gênero — que podem ser construídas a partir da linguagem. A pesquisa adota discussões sobre identidade propostas por Sen (2015) e leva em consideração as representações identitárias construídas no corpus paralelo *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, e *Blindness*, traduzido por Giovanni Pontiero.

Devido à quantidade considerável de personagens presentes na narrativa, apenas os de características primárias serão levados em consideração nesta análise, ou seja, os que apresentam um papel fundamental na história, aparecem com mais frequência e, excepcionalmente, dispõem de mais informações descritivas.

6.1 A Identidade Individual

A palavra ‘identidade’, como visto no início deste capítulo, pode se relacionar com indivíduos singulares ou plurais. Partindo desse princípio, o conceito de identidade pertencente a um indivíduo será, primeiramente, ilustrado, nos exemplos abaixo, por meio

das características atribuídas à personagem denominada ‘rapariga dos óculos escuros’ e, também, atribuídas a outros personagens.

Exemplo 27: Simplificando, pois, **poder-se-ia incluir esta mulher na classe das denominadas prostitutas**, mas a complexidade da trama das relações sociais, tanto diurnas como nocturnas, tanto verticais como horizontais, da época aqui descrita, aconselha a moderar qualquer tendência para juízos peremptórios, definitivos, balda de que, por exagerada suficiência nossa talvez nunca consigamos livrar-nos. (Grifo nosso)

No Exemplo 27, é possível destacar algumas escolhas lexicais que caracterizam a personagem, atribuindo-a a diversos grupos. Na passagem, a fim de entender a personagem, é afirmada a necessidade de “moderar qualquer tendência para juízos peremptórios”, sendo essencial levar em consideração os diferentes grupos aos quais ela pertence, atribuídos por “nascimento, associações e alianças” (SEN, 2015, p. 38). Partindo desta perspectiva pluralista, a identificação do primeiro grupo é dada com relação ao sexo da personagem, o adjetivo ‘rapariga’, caracterizante de seres humanos do sexo feminino, acaba sendo reforçado também pela adoção do vocábulo ‘mulher’ na primeira linha do exemplo. Em seguida, é possível atribuir outro grupo à personagem; esse, relacionado a sua característica física singular, o uso de óculos escuros. A última classificação diz respeito à escolha profissional, caracterizando-a como prostituta. Além da informação principal com relação à profissão da personagem, o texto acrescenta mais informações que dão margem para a possível expansão do número de grupos, criando, assim, subgrupos, ou seja, grupos dentro de um mesmo grupo que expandem o possível campo de atuação da personagem.

Exemplo 28: Sem dúvida, **esta mulher vai para a cama a troco de dinheiro, o que permitiria, provavelmente, sem mais considerações, classificá-la como prostituta de facto, mas, sendo certo que só vai quando quer e com quem quer, não é de desdenhar a probabilidade de que tal diferença de direito**

deva determinar cautelarmente a sua exclusão do grémio, entendido como um todo. Ela tem, como a gente normal, uma profissão, e, também como a gente normal, aproveita as horas que lhe ficam para dar algumas alegrias ao corpo e suficientes satisfações às necessidades, as particulares e as gerais. Se não se pretender reduzi-la a uma definição primária, **o que finalmente se deverá dizer dela, em lato sentido, é que vive como lhe apetece** e ainda por cima tira daí todo o prazer que pode. (Grifo nosso)

Neste Exemplo 28, no caso da personagem citada acima, tem-se como referência dois grupos principais: Mulher e Prostituta. A inclusão da personagem no grupo ‘Mulher’ pode ser percebida pelos mais variados tipos de pessoas, porém, a inclusão ao grupo ‘Prostituta’, que, assim como o grupo "Mulher", tem suas características próprias, é percebida de diferentes formas por diferentes pessoas. A característica específica do grupo, citada no exemplo: “sendo certo que só vai quando quer e com quem quer”, só pode ser questionada, entendida e debatida por pessoas que compartilham do mesmo grupo que a personagem, nesse caso, participantes do grupo principal ‘Prostituta’, ilustrando, assim, um caso de identidade contrastante.

As identidades contrastantes embora façam parte de um mesmo grupo específico, seja “cidadania, profissão, classe ou sexo” (SEN, 2015, p. 45) são diferentes entre si. A classificação, dentro do grupo principal ‘Prostituta’, apresentada no Exemplo 27, também pode ser explicitada no Exemplo 28. No texto, são atribuídas características que permitem diferenciar o subgrupo em que a personagem está inserida, de outros subgrupos existentes dentro do grupo principal ‘Prostituta’ — reforçando assim a ideia de grupos contrastantes. Na passagem “a probabilidade de que tal diferença de direito deva determinar cautelarmente a sua exclusão do grémio, entendido como um todo”, a personagem passa a ser vista como exceção, tornando-se, paradoxalmente e subjetivamente, pertencente ao

grupo ‘Prostituta’ e ‘Não-Prostituta’, ou ao grupo ‘Prostituta’ e ao subgrupo ‘Vive como lhe apetece’¹⁰.

Em seguida, pode-se fazer uma comparação entre a realidade da personagem e o conceito de ‘gente normal’, remetendo às discussões de Sen (2015) sobre identidade. Discutindo as visões conflitantes do islamismo, Sen (2015, p. 31) afirma: “temos de perguntar-nos se afinal é necessário ou útil, ou mesmo possível, tentar definir em termos amplamente políticos como deve ser um ‘muçulmano de verdade’”. Ao traçar um paralelo com a discussão identitária, é imprescindível reconhecer que, da mesma maneira que deve ser condenada a ideia de que existe um parâmetro base que defina o que é ser um muçulmano de verdade, deve-se condenar, também, a ideia de que há um padrão que defina o que é ser, neste caso, ‘gente normal’.

Partindo, ainda, da ideia de que existe uma diversidade minuciosa de grupos e subgrupos além do perceptível, é possível afirmar que cada pessoa sempre será vista como incluída em um determinado grupo. O pertencimento a esses grupos pode ser tanto autodeclarado como imposto por outros indivíduos. A imposição a uma nova identidade, ou seja, a um novo grupo, é tida como uma motivação para uma futura conduta violenta ou intransigente (SEN, 2015), seja por ser contrária à identidade real, ou a favor. Nos exemplos, a seguir, é possível ilustrar essa afirmação.

¹⁰ O nome atribuído a este subgrupo faz referência à própria descrição da personagem pelo autor.

Exemplo 29: Examinei ontem um rapazinho estrábico, eras tu, perguntou o médico, Era sim senhor, **a resposta do rapaz saiu com um tom de despeito, de quem não gostara que se mencionasse o seu defeito físico**, e tinha razão, que tais defeitos, estes e outros, só por deles se falar, passam logo de mal perceptíveis a mais do que evidentes. (Grifo nosso)

No Exemplo 29, uma certa intransigência é identificada por parte do personagem ‘rapazinho estrábico’ com relação à identidade atribuída a ele pelo personagem ‘o médico’. Embora a identificação de grupos se dê por muitas outras vertentes, o ‘médico’ por entender a condição física do personagem, revolveu identifica-lo de acordo com tal característica. Tanto a atitude do personagem ‘rapazinho estrábico’ quanto a própria nomenclatura da classificação, corroboram a recusa às identidades impostas por outros e afirmam a subjetividade da identidade.

Exemplo 30: Chegara adiantada alguns minutos, portanto devia esperar, a hora do encontro havia sido combinada com precisão. Pediu um refresco, que tomou sossegadamente, sem pôr os olhos em ninguém, **não queria ser confundida com uma caçadora de homens vulgar**. (Grifo nosso)

No Exemplo 30, ainda baseado na ideia de imposição a identidades, a personagem demonstra preocupação, cuidado e um certo tipo de preconceito com relação a outros subgrupos. Na parte em que afirma “não queria ser confundida com uma caçadora de homens vulgar”, ela demonstra uma necessidade de distanciamento de um certo subgrupo, tornando sua identidade cada vez mais específica. Partindo desse distanciamento, pode-se inferir que a personagem procura eliminar possíveis características que busquem ligá-la ao subgrupo, sendo possível uma rejeição ou conduta exaltada com relação ao rótulo, em caso de identidade imposta por outros indivíduos. Tem-se como exemplo de identidade imposta, mas sem arbitrariedade aparente, as personagens primárias ‘a mulher do médico’ e ‘a mulher do primeiro cego’. Em ambos os casos, há uma classificação mais clara — se comparada com a dos outros personagens — em que as caracterizações são predominantes

e, determinantemente, feitas em função dos seus parceiros, sem levar em consideração seus outros papéis sociais. Visto que essas características diversas são responsáveis pela identidade específica de um indivíduo (SEN, 2015), nesse contexto, é atribuída uma única identidade às personagens, ocorrendo, assim, um certo apagamento de suas múltiplas outras facetas.

Com o intuito de identificar a ligação da ‘rapariga dos óculos escuros’ com os outros personagens da história, deve-se levar em consideração o papel do personagem ‘o médico’. Tal personagem tem uma ligação, seja direta ou indireta, com os outros seis personagens principais. Na narrativa, ao constatar que tinha perdido a visão, o personagem ‘primeiro cego’ foi acompanhado de sua esposa, personagem denominada ‘mulher do primeiro cego’, ao consultório do médico. Além de contato com o ‘primeiro cego’ e sua esposa, o médico também teve contato com os outros quatro personagens, visto que três eram pacientes seus (‘a rapariga dos óculos escuros’, ‘o velho da venda preta’, ‘o rapazinho estrábico’) e a outra personagem era sua própria esposa.

Exemplo 31: Acabei agora mesmo de saber que a polícia tem informação de dois casos de cegueira súbita, Polícias, Não, um homem e uma mulher, a ele encontraram-no na rua a gritar que estava cego, e ela estava num hotel quando cegou, uma história de cama, parece, **É necessário averiguar se se trata também de doentes meus**, sabe como eles se chamam, Não me disseram, Do ministério já falaram comigo, irão ao consultório recolher as fichas, Que situação complicada. (Grifo nosso)

No Exemplo 31, é possível observar uma conversa telefônica entre ‘o médico’ e o diretor clínico. Nela, o médico procura determinar se os personagens que ficaram cegos eram pacientes dele ou não. Com isso, ao utilizar o pronome possessivo ‘meus’, ele qualifica e atribui, de forma imediata, os personagens ao grupo ‘Doentes meus’. A

denominação, embora subjetiva, é necessária para identificar os grupos. Visto que os mesmos — assim como o grupo ‘Prostituta’ atribuído a personagem ‘a rapariga dos óculos escuros’ — podem ser vistos de diferentes formas por diferentes pessoas e assumem diversas nomenclaturas.

Após identificar o primeiro caso de ‘cegueira branca’ e ser vítima da mesma condição, o médico contata o ministro e é, em seguida, levado à instituição manicomial em medida de quarentena, junto com a sua esposa. Vale ressaltar que a sua esposa, a ‘mulher do médico’, é a única personagem a não cegar durante o enredo, atribuindo-a, involuntariamente, a um grupo específico, os ‘Não-cegos’. Um certo período após chegarem à instituição, os personagens ‘o médico’ e ‘a esposa do médico’ passam a ter como companhia três dos pacientes citados, além da presença de um personagem secundário, chamado ‘o ladrão’.

Durante o estabelecimento do grupo em uma das camaratas, ou seja, em um dos alojamentos da instituição, mais especificamente ‘na primeira camarata do lado direito’, os personagens são instruídos a designar um representante para o alojamento.

Exemplo 32: O melhor seria que o senhor doutor ficasse de responsável, sempre é médico, Um médico para que serve, sem olhos nem remédios, Mas tem a autoridade. A mulher do médico sorriu, Acho que deverias aceitar, se os mais estiverem de acordo.

No Exemplo 32, é descrita uma escolha consciente do responsável, diretamente influenciada pelo contexto social em que os personagens se encontram, ou seja, escolhendo o interno com maior conhecimento acerca do problema comum a quase todos, o que acaba corroborando a seguinte afirmação:

Pertencer a cada um dos grupos pode ser muito importante, dependendo das condições específicas. [...] as pessoas têm de decidir a importância relativa a dar às respectivas identidades, as quais, mais uma vez, dependerão das condições específicas. (SEN, 2015, p. 38)

A afirmação condiz tanto com a realidade em que ‘o médico’ se encontra, ao afirmar estar cego e tentar desconsiderar a sua identidade como médico, quanto com a importância dada pelos internos acerca dessa identidade principal. Gerando, assim, uma discussão implícita sobre identidades inferiores e superiores. A mesma situação pode ser atribuída à personagem ‘a mulher do médico’, visto que ela, sendo a única personagem não cega do enredo, seria vista como uma identidade superior aos outros.

Exemplo 33: A mulher do médico [...] não queria nem pensar nas consequências que resultariam da revelação de que não estava cega, **o mínimo que lhe poderia acontecer seria ver-se transformada em serva de todos**, o máximo talvez fosse converterem-na em escrava de alguns. (Grifo nosso)

No Exemplo 33, apesar de ser vista como uma identidade superior, a personagem teria de se submeter a situações desgastantes e de comprometimento, contrária a atual realidade de omissão contínua da identidade. Ainda de acordo com a afirmação, que a relevância do grupo é dada de acordo com condições específicas, vale reforçar que a elucidação e a omissão de certas características se fazem necessárias em alguns casos. No caso da personagem ‘rapariga dos óculos escuros’, que ficou cega em um hotel e precisou de auxílio da personagem secundária ‘criada do hotel’, foi crucial tomar decisões que viessem a não comprometer a sua aceitação no grupo.

Exemplo 34: A criada suspirou e disse passados uns momentos, Eu também gostava de saber o que sucedeu àquela rapariga. Que rapariga, perguntou o ajudante de farmácia, A do hotel, que impressão me fez, ali no meio do quarto, nua como veio ao mundo, só tinha uns óculos escuros postos, e a gritar que estava cega, o mais certo foi ela ter-me pegado a cegueira. **A mulher do médico olhou, viu a rapariga tirar os óculos devagar, a disfarçar o movimento, depois meteu-os debaixo do travesseiro**, enquanto perguntava ao rapazinho estrábico, Queres outra bolacha. (Grifo nosso)

Como descrito no Exemplo 34, pode-se afirmar que ao esconder a sua identidade, a personagem buscou também evitar o conflito entre as diversas visões e ideologias presentes naquele espaço, tendo em vista a dificuldade de imposição e aceitação de certas realidades por parte da sociedade. Como Sen (2015, p. 24) afirma, “escolhas são sempre feitas dentro dos limites do que parece viável. [...] As viabilidades dependerão de características e circunstâncias individuais que definem as outras possibilidades abertas”. Se, hipoteticamente, a personagem estivesse acompanhada por indivíduos que fizessem parte do mesmo grupo que ela, a situação viria a não pedir uma omissão dessa devida identidade.

Como foi possível analisar, a complexidade da identidade individual é explícita e se apresenta de diversos modos, seja ligada ao contexto de vida de uma pessoa em particular ou ao relacionamento desse contexto de vida com outros. A seguir, serão analisados os relacionamentos entre os grupos dentro da história, tanto por parte dos personagens inseridos em um determinado grupo — correlacionando-se entre si — quanto com o relacionamento de um grupo com outro.

6.2 A Identidade Coletiva

Ao falar em grupos, geralmente, tem-se uma ideia de um conjunto de indivíduos atuando juntos. Essa relação entre os indivíduos pode ser aceita como o reconhecimento de si mesmo, ou de interesses próprios em um coletivo (BREWER, 2011). Por haver uma grande variação com relação ao número de indivíduos inseridos nesses coletivos,

primeiramente, serão mostrados os grupos que abarcam um maior número de identidades e, em seguida, os grupos mais específicos.

Brewer (2011), apoiando-se nos trabalhos de Van Den Berghe (1981)¹¹ e Johnson (1989)¹², discute a atribuição de características biológicas, sejam genes compartilhados ou características físicas, como elemento de união entre tais membros. Porém, no enredo de Saramago, há uma predominância de identidades coletivas criadas de acordo com o lugar ao qual os cegos da história são alocados. Ao chegarem na instituição manicomial, os personagens são alocados a seis espaços diferentes, denominados camaratas, três localizados na parte direita e três localizados na parte esquerda. Os espaços do lado direito são destinados aos indivíduos que cegaram em decorrência do mal branco, enquanto as camaratas do lado esquerdo são destinadas aos indivíduos que tiveram contato com essas pessoas já cegas, sendo vistos como possíveis vetores do surto. Além dos grupos formados no local, há, também, a presença de um grupo externo que detém o controle do local; esses são os ‘Militares’.

Durante a narrativa, são descritas características de três camaratas; duas do lado direito e uma do lado esquerdo. Levando em consideração a relevância das camaratas descritas, nesta primeira parte, somente duas serão analisadas, como é o caso da ‘primeira camarata do lado direito’ e a ‘terceira camarata do lado esquerdo’, importantes no desenvolvimento da história.

¹¹ VAN DEN BERGHE, P. *The Ethnic Phenomenon*. New York: Elsevier, 1981. 318 p.

¹² JOHNSON, G. *The role of kin recognition mechanism in patriotic socialization: Further reflections*. *Politics and the Life Science*, New York, v. 8, p. 62-69, ago. 1989

Os sete personagens principais (o primeiro cego, a mulher do primeiro cego, a rapariga dos óculos escuros, o velho da venda preta, o rapazinho estrábico, o médico e a mulher do médico), interligados por circunstâncias já especificadas na seção 6.1, são alocados, no decorrer da história, à primeira camarata do lado direito com outros 10 personagens¹³.

Como informações do primeiro grupo, pode-se encontrar:

Exemplo 35: Quanto à primeira camarata, talvez **por ser a mais antiga e portanto estar há mais tempo em processo e seguimento de adaptação ao estado de cegueira**, um quarto de hora depois de os seus ocupantes terem acabado de comer já não se via um papel sujo no chão, um prato esquecido, um recipiente pingando. (Grifo nosso)

No Exemplo 35, por meio de algumas características predominantemente positivas, pode-se ter uma ideia geral do grupo. Se for levada em consideração a questão hierárquica, a primeira camarata do lado direito apresenta uma certa superioridade se comparada às outras, não apenas por ser a primeira a ser formada, mas por conhecer melhor o local e por ser liderada pelo personagem ‘o médico’, como mostrado no Exemplo 32, e pela personagem ‘a mulher do médico’ — atuando de forma indireta. De acordo com a descrição, acima, a camarata pode ser administrada e disciplinada de uma forma que garanta o benefício a todos os internos, nela, inseridos.

¹³ São levados em consideração apenas os personagens que, até o momento da contagem, na própria narrativa, estavam vivos.

Como descrição que ilustra o dia-a-dia e as características dos personagens pertencentes à terceira camarata do lado esquerdo — outro grupo central da história —, pode-se encontrar:

Exemplo 36: Quando alcançaram o átrio, a mulher do médico compreendeu logo que nenhuma conversação diplomática iria ser possível, e que provavelmente não o seria nunca. No meio do átrio, rodeando as caixas da comida, **um círculo de cegos armados de paus e de ferros de cama, apontados para a frente como baionetas ou lanças, fazia frente ao desespero dos cegos que os cercavam.** (Grifo nosso)

As informações que ilustram as características dos internos pertencentes à camarata citada são descritas, no Exemplo 36, na visão da personagem ‘a mulher do médico’ e podem ser aceitas, por outros indivíduos, tanto como positivas quanto negativas. Como retratado, o grupo pode ser visto como uma identidade superior, dominante e forte, porém, ao mesmo tempo, assume um caráter opressor, violento e individualista. Essas características negativas são atribuídas por grande parte por indivíduos ou grupos contrários à atitude adotada, enquanto as características positivas podem ser atribuídas pelos próprios membros do grupo.

Ilustrando ainda mais o grupo, é possível encontrar informações que retratem um pouco da sua formação:

Exemplo 37: A mulher do médico já está na ala do lado esquerdo, no corredor que a levará à terceira camarata. [...] Aqui não há cegos a dormirem no chão, o corredor está desimpedido. [...] As camas não estão todas ocupadas. Quantos serão, pensou. [...] Cautelosamente, a mulher do médico chegou-se à outra ombreira da porta e olhou para dentro. A camarata não estava cheia. Fez uma contagem rápida, pareceu-lhe que deviam ser uns dezanove ou vinte. Ao fundo viu umas quantas caixas de comida empilhadas, outras em cima das camas desocupadas, Era de esperar, eles não distribuem a comida toda que vão recebendo, pensou. [...] A mulher do médico tornou a contar os que dormiam lá dentro, Com este são vinte, ao menos levava dali uma informação certa, não tinha sido inútil a excursão nocturna.

No Exemplo 37, a personagem ‘a mulher do médico’ revela informações que não só retratam algumas outras características do grupo ‘Terceira camarata do lado esquerdo’, mas também ilustra um pouco da dinâmica dentro do mesmo. A primeira informação relevante é com relação à quantidade de membros do grupo, onde vale notar que dispõe de quase a mesma quantidade de membros que o primeiro grupo descrito — ‘Primeira camarata do lado direito’. Em seguida, pode-se ter noção da organização interna, que diferente do primeiro, não dispõe de uma distribuição sistemática da comida.

Como pode-se perceber, os grupos embora localizados no mesmo lugar, sob as mesmas circunstâncias e dispondendo de uma diversidade incalculável de identidades, apresentam interesses diferentes entre si. De acordo com Bar-Tal (2011), o prelúdio para um possível conflito surge a partir do momento em que esses diferentes interesses, que cada grupo apresenta, passam a se contrapor.

Partindo desse contexto, serão investigados, no capítulo a seguir, como o papel da identidade e os diferentes interesses se apresentam durante os conflitos presentes na história.

7. CONFLITOS

Os conflitos — entendidos como situações em que múltiplas partes decidem agir devido a existência de objetivos incompatíveis ou que se contradizem, interesses competitivos, ou valores fundamentalmente diferentes (BAKER, 2006; BAR-TAL, 2011) — são comuns na história humana e podem ser encontrados em contextos menores como núcleos familiares e de amigos ou em contextos mais abrangentes como gênero, religião e nacionalidade (BREWER, 2011). Suas funções podem ser variadas. Para Coser (1956), citado por Birnbaum (1995, p. 260), por exemplo, os conflitos têm função social e buscam "estabelecer e manter a identidade e as fronteiras entre as sociedades e os grupos", além de ser, para Barnes (1966), também citado por Birnbaum (1995, p. 248), uma “fonte de liberdade e de progresso”.

De acordo com Bar-Tal (2011), os conflitos podem ser divididos entre ‘conflitos tratáveis’ e ‘conflitos intratáveis’. Buscando explicar e exemplificar os dois tipos, serão apresentados, a seguir, os conflitos presentes na narrativa de Saramago.

No enredo, como norma criada na instituição manicomial, em caso de morte, cada camarata é responsável por enterrar seus respectivos integrantes. Partindo desse princípio, durante um desentendimento entre os internos do local com o grupo ‘os militares’, o último, equivocadamente, pensando que os internos tentavam fugir, decidiu agir de forma violenta e vitimou alguns cegos.

Exemplo 38: Os nossos já estão enterrados, Se enterraram uns, também podiam ter enterrado os outros, respondeu de dentro uma voz de homem, O combinado foi que cada camarata enterraria os mortos que lhe pertencessem, contámos quatro e enterrámo-los, Está bem, amanhã trataremos dos de aqui, disse outra

voz masculina, e depois, mudando de tom, Não veio mais comida, perguntou, Não, respondeu o médico, Mas o altifalante diz que três vezes ao dia, Duvido que venham a cumprir sempre a promessa, Então será preciso racionar os alimentos que vierem chegando, disse uma voz de mulher, Parece-me uma boa ideia, se quiserem falaremos amanhã, De acordo, disse a mulher. Já o médico se retirava quando ouviu a voz do homem que primeiro tinha falado, **A saber quem é que manda aqui. Parou à espera de que alguém respondesse, fê-lo a mesma voz feminina, Se não nos organizarmos a sério, mandarão a fome e o medo, já é uma vergonha que não tenhamos ido com eles enterrar os mortos, Por que é que não os vai enterrar você, já que é tão esperta e tão sentenciosa, Sozinha não posso, mas estou pronta para ajudar, Não vale a pena discutirmos, interveio a segunda voz de homem, amanhã de manhã trataremos disso.** O médico suspirou, a convivência ia ser difícil. (Grifo nosso)

No Exemplo 38, é mostrado o primeiro conflito causado pela responsabilidade que cada camarata tinha. Três personagens aparecem, entre eles ‘o médico’. Nesse Exemplo, é possível encontrar características que determinam a presença de um conflito tratável. Como determinado por Bar-Tal (2011), os conflitos tratáveis assumem as seguintes características:

Conflitos tratáveis que abordam objetivos de pouca importância e duram um curto período de tempo, em que as partes em disputa os veem como solúveis e estão interessados em resolvê-los o mais rapidamente por meio de negociação. Além disso, os grupos envolvidos evitam a violência, não mobilizam membros para apoiar a causa, reconhecem e levam em consideração interesses, objetivos e necessidades em comum, e veem o conflito como sendo de natureza desordenada. (BAR-TAL, 2011, p.6, tradução nossa)¹⁴

Como foi possível observar, no Exemplo 38, ao contrastar com a afirmação de Bar-Tal (2011), além da alteração que não chegou a evoluir para um ato de violência, não existe a mobilização de indivíduos para lutarem pela causa e pode-se, também, encontrar a

¹⁴ “Tractable conflicts which are over goals of low importance and last a short period of time, during which the parties in dispute view them as solvable and are interested to resolve them quickly through negotiation. In addition, the involved societies avoid violence, do not mobilize society members to support their cause, and recognize and take into account mutual interests, goals and needs, and view their conflict as being of mixed motive nature.” (BAR-TAL, 2011, p.6)

razão do conflito, definida por questões de responsabilidade, resolvida rapidamente por meio de acordo ou intervenção de uma terceira parte.

Após resolver as diferenças com os outros grupos, os internos da primeira camarata do lado direito são surpreendidos pela súbita chegada de novos cegos, esses alocados à terceira camarata do lado esquerdo. Em determinado momento do enredo, esse grupo recém-chegado, assume o controle da distribuição da comida do local. Buscando descentralizar o poder e garantir direito a todos, os cegos das outras camaratas resolvem se unir e protestar.

Exemplo 39: Não faltavam ao quadro os protestos indignados, os gritos furiosos, Exigimos a nossa comida, Reclamamos o direito ao pão, Malandros, O que isto é, é uma grande sacanagem, [...] Impelida pela esperança absurda de uma autoridade que viesse restaurar no manicômio a paz perdida, fortalecer a justiça, devolver a tranquilidade, uma cega chegou-se conforme pôde à porta principal e gritou para os ares, Ajudem-nos, que estes estão a querer roubar-nos a comida. [...] A cega esgoelava-se como as loucas de antigamente, quase louca ela também, mas de pura aflição. Por fim, percebendo a inutilidade dos seus apelos, calou-se, virou-se para dentro a soluçar e, **sem se dar conta de por onde ia, apanhou na cabeça desprotegida com uma cacetada que a derrubou**. A mulher do médico quis correr a levantá-la, mas a confusão era tal que não pôde dar nem dois passos. Os cegos que tinham vindo reclamar a comida começavam já a recuar desbaratados, perda de todo a orientação tropeçavam uns nos outros, caíam, levantavam-se, tornavam a cair, alguns nem o tentavam, desistiam, deixavam-se ficar prostrados no chão, exaustos, míseros, torcidos de dores, com a cara no lajedo. Então a mulher do médico, aterrorizada, viu um dos cegos quadrilheiros tirar do bolso uma pistola e levantá-la bruscamente ao ar. O disparo fez soltar-se do tecto uma grande placa de estuque que foi cair sobre as cabeças desprevenidas, aumentando o pânico. O cego gritou, **Quietos todos aí, e calados, se alguém se atreve a levantar a voz, faço fogo a direito, sofra quem sofrer, depois não se queixem**. Os cegos não se mexeram. **O da pistola continuou, Está dito e não há volta atrás, a partir de hoje seremos nós a governar a comida, ficam todos avisados, e que ninguém tenha a ideia de ir lá fora buscá-la, vamos pôr guardas nesta entrada, sofrerão as consequências de qualquer tentativa de ir contra as ordens, a comida passa a ser vendida, quem quiser comer, paga**, Pagamos como, perguntou a mulher do médico, Eu disse que não queria que ninguém falasse, berrou o da pistola, agitando a arma à sua frente, Alguém terá de falar, precisamos saber como deveremos proceder, aonde vamos buscar a comida, se vamos todos juntos ou um de cada vez, Esta está-se a armar em esperta, comentou um dos do grupo, se lhe deres um tiro é uma boca a menos a comer, Visse-a eu, e já tinha uma bala na barriga. (Grifo nosso)

No Exemplo 39, apesar da agressão a uma das personagens presentes no local, é possível observar o primeiro sinal de conflito por meio da fala de um dos personagens da ‘terceira camarata do lado esquerdo’. Para Baker (2006, p. 2), apoiando-se no trabalho de Chilton (1997, p. 175), um conflito começa, primeiramente, como um ‘ato linguístico’. Ao fazer afirmações como: “Quietos todos aí, e calados, se alguém se atreve a levantar a voz, faço fogo a direito” e “sofrerão as consequências de qualquer tentativa de ir contra as ordens”, o personagem insere duas das características primordiais de um conflito intratável, a violência e a insolubilidade (BAR-TAL, 2011).

Os conflitos intratáveis, assim como os conflitos tratáveis, ocorrem em decorrência da busca pelo alcance de um determinado objetivo, porém, geralmente são encobertos por uma atmosfera de hostilidade e violência e apresentam duração indeterminada, devido à falta de interesse das partes envolvidas em procurar meios que venham resolver o conflito de uma maneira pacífica (BAR-TAL, 2011). No caso da história, o objetivo é o controle da comida que antes era feita pelo representante de cada camarata de forma politizada. Como afirma Birnbaum (1995), “a ação coletiva torna-se explicitamente política quando diz respeito ao próprio poder, à sua conquista ou, mais simplesmente, ao questionamento de sua efetiva repartição”. A atitude tomada pelos cegos da ‘terceira camarata do lado esquerdo’ de tomar o controle da comida, pode ser corroborada como um pretexto que garanta benefícios sobre os outros internos, sendo ilustrado a seguir.

Exemplo 40: Depois, dirigindo-se a todos, Voltem imediatamente para as camaratas, já, já, quando tivermos levado a comida para dentro diremos o que têm de fazer, E o pagamento, tornou a mulher do médico, quanto nos vai custar um café com leite e uma bolacha, A gaja está mesmo a pedir poucas, disse a mesma voz, Deixa-a comigo, disse o outro, e mudando de tom, **Cada camarata nomeará dois responsáveis, esses ficam encarregados de recolher os valores,**

todos os valores, seja qual for a sua natureza, dinheiro, jóias, anéis, pulseiras, brincos, relógios, o que lá tiverem, e levam tudo para a terceira camarata do lado esquerdo, que é onde nós estamos, e se querem um conselho de amigo, que não lhes passe pela cabeça tentarem enganar-nos, já sabemos que alguns de vocês vão esconder uma parte do que tiverem de valioso, mas digolhes que será uma péssima ideia, **se não nos parecer suficiente o que entregarem, simplesmente não comem, entretenham-se a mastigar as notas de banco e a trincar os brilhantes.** (Grifo nosso)

No Exemplo 40, é encontrada a continuação do Exemplo 39, onde é descrito o novo sistema de acesso a comida. Os internos da ‘terceira camarata do lado esquerdo’ tendo controle do local, passam a adotar uma ideologia socioeconômica e política que garante poder e autoridade sobre os outros internos.

Exemplo 41: Passada uma semana, os cegos malvados mandaram recado de que queriam mulheres. Assim, simplesmente, Tragam-nos mulheres. Esta inesperada, ainda que não de todo insólita, exigência causou a indignação que é fácil imaginar, os aturdidos emissários que vieram com a ordem voltaram logo lá para comunicar que as camaratas, as três da direita e as duas da esquerda, sem exceção dos cegos e cegas que dormiam no chão, haviam decidido, por unanimidade, não acatar a degradante imposição, objectando que não se podia rebaixar a esse ponto a dignidade humana, neste caso feminina, e que se na terceira camarata lado esquerdo não havia mulheres, a responsabilidade, se a havia, não lhes poderia ser assacada. **A resposta foi curta e seca, Se não nos trouxerem mulheres, não comem.** (Grifo nosso)

No Exemplo 41, por meio do poder e da autoridade do grupo da ‘terceira camarata do lado esquerdo’, as personagens, integrantes das camaratas, são obrigadas a oferecer favores sexuais em troca de comida para o restante do grupo. Podendo ser definida como a causa principal do conflito. De acordo com Bar-Tal (2011), uma vez que o uso de violência ocorre — assumindo a forma de tortura, estupro ou até mesmo assassinato —, a natureza do conflito passa a ser atrelada a de um conflito intratável. Ainda, no Exemplo 39, é possível identificar a necessidade do grupo em obter vantagens sobre os outros. Essas vantagens acabam servindo de estímulo para os ciclos intermináveis de violência — parte dos conflitos intratáveis. A tribulação causada por esses conflitos atinge não só a relação

entre os grupos principais envolvidos, mas pode, também, ser observada dentro de subgrupos presentes nos grupos principais.

Exemplo 42: **As mulheres sozinhas, as que não tinham parceiro, ou não o tinham fixo, protestaram imediatamente, não estavam dispostas a pagar a comida dos homens das outras com o que tinham entre pernas**, uma delas teve mesmo o atrevimento de dizer, esquecendo o respeito que devia ao seu sexo, Eu sou muito senhora de lá ir, mas o que ganhar é para mim, e se me apetecer fico a viver com eles, assim tenho cama e mesa garantida. [...] Mesmo assim, os protestos explodiram mal ele acabou de falar, saltaram as fúrias de todos os lados, sem dó nem piedade **os homens foram moralmente arrasados, apelidados de chulos, de proxenetas, de chupistas, de vampiros, de exploradores, de alcoviteiros, conforme a cultura, o meio social e o estilo pessoal das justamente indignadas mulheres.** [...] Os homens procuraram justificar-se, que não era bem assim, que não dramatizassem, que diabo, falando é que a gente se entende, foi só porque o costume manda pedir voluntários em situações difíceis e perigosas, como esta sem dúvida o é, Estamos todos em risco de morrer à fome, vocês e nós. (Grifo nosso)

O primeiro conflito decorrente desta situação é entre o subgrupo ‘Homens’ e o subgrupo ‘Mulheres’, ambos pertencentes ao grupo ‘Internos da primeira camarata do lado direito’. Embora o subgrupo ‘Mulheres’ apresente o mesmo grau de relevância do que outros subgrupos, é levado em consideração tão somente em determinados pontos da história. No Exemplo 42, devido à importância do subgrupo ao determinado contexto da narrativa — a submissão aos cegos da ‘terceira camarata do lado esquerdo’ —, ocorre o atrito entre os subgrupos por concepções dispares de como a situação deve ser enfrentada. De um lado, os internos do subgrupo ‘Homens’ reforçam a ideia de que se deve existir voluntários, contrariando e pressionando as mulheres a se submeterem a tal imposição.

Outro atrito gerado em decorrência de um conflito maior é encontrado dentro de grupos mais específicos, como descrito abaixo:

Exemplo 43: O primeiro cego começara por declarar que mulher sua não se sujeitaria à vergonha de entregar o corpo a desconhecidos em troca do que fosse, que nem ela o queria nem ele o permitiria, que a dignidade não tem preço, que

uma pessoa começa por ceder nas pequenas coisas e acaba por perder todo o sentido da vida. [...] foi ela a mulher do primeiro cego, que disse sem que a voz lhe tremesse, **Sou tanto como as outras, faço o que elas fizerem, Só fazes o que eu mandar, interrompeu o marido, Deixa-te de autoridades, aqui não te servem de nada, estás tão cego como eu, É uma indecência, Está na tua mão não seres indecente, a partir de agora não comas, foi esta a cruel resposta, inesperada em pessoa que até hoje se mostrara dócil e respeitadora do seu marido.** (Grifo nosso)

No Exemplo 43, o conflito é identificado como sendo entre o grupo específico composto pelos personagens ‘primeiro cego’ e ‘mulher do primeiro cego’ e tem como causa: a recusa do personagem à submissão da sua esposa a tais condições degradantes. A esposa, por outro lado, ignora a opinião do marido e, pensando no coletivo, decide seguir em frente com a situação. Ambos os conflitos específicos se encaixam na categoria ‘conflitos tratáveis’, dada a sua natureza não violenta e negociável e por envolver um objetivo mútuo (BAR-TAL, 2011).

Os ciclos de violência são vistos como intermináveis em decorrência da atuação dos membros dos grupos diante das adversidades. No caso do conflito intratável citado acima, no Exemplo 41, cada nova situação tramada pelo grupo ‘terceira camarata do lado esquerdo’ é geradora de violência. Bar-Tal, baseando-se em Brubaker e Laitin (1998) e Opatow (2006), afirma que “o uso de violência é entendido como necessário para alcançar objetivos por uma ou ambas as partes envolvidas no conflito”¹⁵ (2011, p.8, tradução nossa).

Exemplo 44: Enquanto lentamente avançava pela estreita coxia, a mulher do médico observava os movimentos daquele que não tardaria a matar, como o gozo o fazia inclinar a cabeça para trás, como já parecia estar a oferecer-lhe o pescoço.

¹⁵ "The use of violence is perceived as necessary part to achieve the goals either by one or both sides to the conflict." (BAR-TAL, 2011, p. 8)

Devagar, a mulher do médico aproximou-se, rodeou a cama e foi colocar-se por trás dele. A cega continuava no seu trabalho. **A mão levantou lentamente a tesoura, as laminas um pouco separadas para penetrarem como dois punhais.** Nesse momento, o último, o cego pareceu dar por uma presença, mas o orgasmo retirara-o do mundo das sensações comuns, privara-o de reflexos, Não chegarás a gozar, pensou a mulher do médico, e fez descer violentamente o braço. **A tesoura enterrou-se com toda a força na garganta do cego, girando sobre si mesma lutou contra as cartilagens e os tecidos membranosos, depois furiosamente continuou até ser detida pelas vértebras cervicais.** (Grifo nosso)

No Exemplo 44, é descrito o momento em que, durante uma situação em que os internos do grupo adversário abusam de mulheres de outras camaratas, a personagem ‘mulher do médico’ entra no lugar de forma furtiva, e armada com uma tesoura, mata o responsável pelo grupo ‘terceira camarata do lado esquerdo’. Em situações de retaliação e vingança, Birnbaum (1995) afirma:

Observemos em primeiro lugar que a intensidade dos atores que se opõem no quadro desse confronto pode variar consideravelmente, tornando por vezes a disputa ainda mais passional sempre que um sentimento de justiça se vê vilipendiado; observemos, porém, que danos extremos podem ser infligidos a um adversário em condições de fria vingança e não de paixão mediante técnicas puramente instrumentais, que não requerem de modo algum o empenho intenso dos atores. (BIRNBAUM, 1995, p. 262)

Durante o momento de retaliação, a personagem não chega a ponderar os efeitos da ação, sendo característico de uma vingança fria. Dessa forma, a ação condiz com a afirmação de Bar-Tal (2011), acima, onde o teórico afirma que o uso de violência é muitas vezes visto como necessário para chegar a uma determinada conquista, por parte dos grupos. Neste caso, a conquista seria o fim dos atos causados pelo grupo adversário. Apesar de ser entendido como uma conquista, diferentes situações podem vir a surgir, como é o caso de outros grupos resolverem entrar no conflito em troca de vantagens.

Exemplo 45: **O que devíamos fazer era tomar a justiça nas nossas mãos e levá-lo ao castigo,** Desde que soubéssemos quem é, Dizíamos-lhes aqui está o tipo que vocês procuram, agora dêem-nos a comida, Desde que soubéssemos quem é. (Grifo nosso)

Após a morte do líder da terceira camarata do lado esquerdo, os internos de outras camaratas se reúnem, e alguns deles, em busca de vantagens, ameaçam perseguir o indeterminado autor da morte, neste caso, a personagem ‘mulher do médico’, como narrado no Exemplo 45. Segundo Olson (1965), citado por Birnbaum (1995, p. 264), os indivíduos só aceitam fazer parte de um conflito, quando houver a possibilidade de se beneficiar, seja por meio de ganho de poder ou de vantagem financeira.

Como explicitado nos exemplos deste capítulo, pode-se corroborar a afirmação de Birnbaum (1995, p. 278), onde é dito: “os conflitos, qualquer que seja sua natureza, têm por base a intencionalidade dos atores que neles intervém, seus valores e, de um modo geral, sua cultura própria”. Embora os grupos em situações de conflito fossem todos igualmente compostos por indivíduos que dispunham de incontáveis identidades, cada um apresenta uma identidade e uma conduta própria, estimulada, na maioria das vezes, pela influência dos líderes sobre os filiados.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como desdobramento do projeto de Iniciação Científica “Conflito e Tradução: Construção de Identidades e de Conflitos em Corpora Ficcionalis”, este trabalho buscou contribuir com a compreensão do uso de pronomes pessoais em textos colocados em relação tradutória e, assim, investigar e comparar o uso dos pronomes ‘nós’ e ‘we’ presentes no corpus, analisar a construção de identidades coletivas a partir do uso desses pronomes e o papel dessas identidades no surgimento de conflitos. Os resultados contemplam não só a vertente léxico-gramatical do corpus, como também a eficiência dos métodos utilizados durante todo o curso da pesquisa.

Ao fazer uso de abordagens advindas da Linguística de Corpus, como a utilização do concordanciador *AntConc*, foi possível realizar uma total análise sistemática do corpus bilíngue, determinando a quantidade de pronomes ‘nós’ e ‘we’ e a forma como eles atuam nos textos de suas respectivas línguas. Dessa forma, o pronome em língua portuguesa apresenta características mais livres quando comparado ao de língua inglesa, por não ser realizado na grande maioria dos casos, classificado, assim, como ‘elidido’. Devido às características estruturais da língua portuguesa, possibilitando a identificação do sujeito oracional por meio da desinência verbal, os pronomes tendem a não aparecer com muita frequência. Em língua inglesa, devido à falta de desinência verbal para a primeira pessoa do plural, os verbos tendem a ser acompanhados pelos pronomes, buscando, assim, identificar o sujeito. Outro ponto observado está ligado à posição do pronome com relação ao verbo principal, ambas as línguas apresentaram predominância pela classificação ‘Anteposto’, onde o pronome aparece antecedendo o verbo principal na oração.

Além da análise estrutural das línguas, pode-se constatar que os pronomes analisados em língua portuguesa apresentam características específicas quando aparecem de forma explícita, mesmo seguido por um verbo em que se possa identificar o sujeito oracional devido à sua desinência. Esses pronomes determinam a diferenciação entre diversos grupos específicos dentro um grupo geral, ou seja, sinalizam a presença de diferentes subgrupos presentes em um mesmo contexto. Assim, puderam ser divididos em ‘Característicos’, onde apresentam a ideia mencionada anteriormente — a identificação de subgrupos específicos dentro de um grupo maior —, sendo a classificação com maior número de ocorrências durante o corpus, e ‘Não-Characterísticos’, quando os subgrupos formados são passíveis de múltiplas interpretações.

Em seguida, foram analisados os processos de formação identitária dos personagens presentes na narrativa. Essa etapa foi fundamental para entender a criação de grupos, também presentes na narrativa e identificar os processos que vieram a ocasionar o surgimento dos conflitos entre eles. Para se adequar aos grupos, pode-se encontrar no Exemplo 34, um caso de omissão identitária, em que a personagem ‘rapariga dos óculos escuros’ busca se adequar para não sofrer imposição por parte dos outros indivíduos presentes naquele contexto. Embora os grupos se mostrem diferentes, apresentam características compartilhadas — como a já existente familiaridade entre alguns dos personagens principais e o coincidente período de institucionalização compartilhado entre eles — que proporcionam o auto reconhecimento, acarretando, assim, a criação de um grupo.

O surgimento de conflitos foi outro ponto abordado ao longo desta pesquisa. Devido à variedade de conflitos presentes na narrativa, pode-se analisar os elementos tidos como indicadores, seja de ordem linguística — fala dos personagens —, ou de ordem física — uso de violência —, além da natureza tratável ou intratável dos mesmos. Dessa forma, foram investigados dois conflitos, um de natureza tratável — podendo observar a sua curta duração e os objetivos de pouca importância predominantes — e um intratável — analisando os diversos atos sucessivos de violência que desencadearam o mesmo.

Embora o corpus utilizado seja ficcional, a pesquisa busca seguir desde a construção de identidades até o princípio dos conflitos baseando-se em trabalhos que avaliam características do mundo real. Dessa forma, além de continuar aprofundando-se em questões estruturais da língua, como o uso pronominal em língua portuguesa e em língua inglesa, é pertinente a continuação de pesquisas que focalizem nos estudos de identidades e nas marcas linguísticas que evidenciem essa construção. O aprofundamento nos indicadores linguísticos que passam a ser tidos como fatores precedentes a conflitos também é dado como importante, não só por sua função nos estudos sociais, mas pela contribuição contínua aos Estudos da Tradução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, N. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva. 46. ed. 2009.

ALVES, D. **Conflito e tradução**: uma análise sobre as realizações linguísticas dos conflitos armados entre grupos litigantes no corpus paralelo Grande Sertão: Veredas - The Devil to Pay in the Backlands. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/q1B9R7>> - Acesso em 23 out. 2017.

ALVES, D; ASSIS, R; "**Métodos de investigação em corpora**: Ferramentas para classificação de dados extraídos de corpora de pequenas dimensões para análises discursivas", p. 1-17 . In: Anais do EBRALC 2015 & ELC 2015 [=Blucher Social Science Proceedings, n.3 v.2]. São Paulo: Blucher, 2016. ISSN 2359-2990, DOI 10.5151/sosci-viiiieblc-xiii-elc-04_artigo_01

ALVES, D. e MORINAKA, E. '**Procedimentos metodológicos em Estudos da Tradução**: Interface com as Linguísticas Sistêmico-Funcional e de Corpus'. In: Caderno de Letras (UFPel), Vol. 1, No 22, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/qpIhSs>> Acesso em: 20 out. 2017.

ANTHONY, L. **AntConc 3.4.4w**. Tokyo, Japão: Waseda University, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/3GVS>> Acesso em: 04 dez. 2017.

BAKER, M. **Translation and conflict**: a narrative account. New York: Routledge, 2006.

BAR-TAL, D. (Ed.), 'Introduction'. In: **Intergroup conflicts and their resolution**: Social psychological perspective. New York: Psychology Press, 2011.

BIRNBAUM, P. 'Conflitos'. In: BOUDON, R. et al. **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995 - Disponível em: <http://goo.gl/tGZm9> - Acesso em: 20 jan. 2017.

BREWER, M. B. 'Identity and conflict'. In: **Intergroup conflicts and their resolution: Social psychological perspective**. New York: Psychology Press, 2011.

BUTT, D.G., LUKIN. A., e MATTHIESSEN, C.M.I.M. '**Grammar - the first covert operation of war**'. In: *Discourse & Society*. 2004, vol. 15(2-3), pp. 267-90.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48.ed. revisada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 856p. ISBN: 9788538542407.

LEMUS, S. **Una entrevista con José Saramago**. 1998. Disponível em: <<https://www.nexos.com.mx/?p=8751>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

JAGGI, M. **New ways of seeing**. 2008. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2008/nov/22/jose-saramago-blindness-nobel>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

MAIA, B. '**Word Order and the First Person Singular in Portuguese and English**'. In: *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 43, n° 4, 1998. - Disponível em: <<http://goo.gl/SfzC2F>>. Acesso em: 23 set. 2017

MOISÉS, M. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

PONTIERO, G. **Interview with José Saramago**. 1990. Disponível em: <https://www.pnreview.co.uk/cgi-bin/scribe?item_id=4458>. Acesso em: 18 jul. 2018.

SARAMAGO, J. **Blindness**. Trad. Giovanni Pontiero. The Harvill Press, 1997

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. Lisboa: Editorial Caminho. 1995.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**: A arquitetura de um romance. Lisboa: Porto Editora. 2015.

SARAMAGO, J. **Programa Roda Viva**. Produção: Marco Antônio Coelho Filho. São Paulo: Artmosfera, 2003. DVD.

SEN, A. **Identidade e violência**: a ilusão do destino. São Paulo: Iluminuras, 2015.

SILVA, C. **De Moçambique uma entrevista com José Saramago**. Disponível em: <<https://revistacaliban.net/de-mo%C3%A7ambique-uma-entrevista-com-jos%C3%A9-saramago-9240050a3485>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

SILVA, F; VASCONCELLOS, M L B; FERNANDES, L P. **Semantic prosody and collocational profile in “The blackcat” and “O gato preto”**. In: X Encontro Nacional de Tradutores e VI Encontro Internacional de Tradutores. 2009, Ouro Preto.

SWAN, M. **Practical English Usage**. Oxford: Oxford University Press, 2005

ANEXO I

TERMO DE COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE

A presente declaração é termo integrante de todo trabalho de conclusão de curso (TCC) a ser submetido à avaliação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como requisito necessário e obrigatório à obtenção do grau de bacharel em tradução.

Eu, Pedro Ivo Barbosa de Caldas Barros, 3.684.207 SSDPB, na qualidade de aluno(a) da Graduação do Curso de Tradução da Universidade Federal da Paraíba, declaro, para os devidos fins, que:

- O Trabalho de Conclusão de Curso anexo, requisito necessário à obtenção do grau de bacharel em tradução pela Universidade Federal da Paraíba, encontra-se plenamente em conformidade com os critérios técnicos, acadêmicos e científicos de originalidade;
- O referido TCC foi elaborado com minhas próprias palavras, ideias, opiniões e juízos de valor, não consistindo, portanto **PLÁGIO**, por não reproduzir, como se meus fossem, pensamentos, ideias e palavras de outra pessoa;
- As citações diretas de trabalhos de outras pessoas, publicados ou não, apresentadas em meu TCC, estão sempre claramente identificadas entre aspas e com a completa referência bibliográfica de sua fonte, de acordo com as normas vigentes da ABNT;
- Todas as séries de pequenas citações de diversas fontes diferentes foram identificadas como tais, bem como as longas citações de uma única fonte foram incorporadas suas respectivas referências bibliográficas, pois fui devidamente informado(a) e orientado(a) a respeito do fato de que, caso contrário, as mesmas constituiriam plágio;
- Todos os resumos e/ou sumários de ideias e julgamentos de outras pessoas estão acompanhados da indicação de suas fontes em seu texto e as mesmas constam das referências bibliográficas do TCC, pois fui devidamente informado(a) e orientado(a) a respeito do fato de que a inobservância destas regras poderia acarretar alegação de fraude.

O (a) Professor (a) responsável pela orientação de meu trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentou-me a presente declaração, requerendo o meu compromisso de não praticar quaisquer atos que pudessem ser entendidos como plágio na elaboração de meu TCC, razão pela qual declaro ter lido e entendido todo o seu conteúdo e submeto o documento em anexo para apreciação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como fruto de meu exclusivo trabalho.

João Pessoa, 01/10/2018.

Pedro Ivo Barbosa de Caldas Barros